



CASA
THOMAS
JEFFERSON

50 ANOS • 1963-2013

FICHA TÉCNICA

CONSELHO
CULTURAL
THOMAS
JEFFERSON

Presidente David Verge Fleischer

Vice-presidente Elizabeth Daniel de Almeida

Secretária Tesoureira Vera Maria da Costa Manso Mussi

Conselheiros Clélia de Freitas Capanema
Maria de Fátima Guerra de Sousa
Maria Cristina Teixeira Stevens
Asta-Rose Jordan Alcaide
Luiz Valcov Loureiro
Susan T. Bell
Donald Rolfe Sawyer
Elinor Watson Moren

Conselho Fiscal Antonio da Encarnação Lopes
Marcio Villas Boas

Sócios Maria Inês Fontenelle Mourão
Eunice Soriano de Alencar
Angela da Silveira Banhos

Lucia Maria Martins dos Santos
Diretora Executiva da Casa Thomas Jefferson
Isabela de Freitas Villas Boas
Superintendente Acadêmica
Carlos Roberto Ribeiro Sampaio
Superintendente Administrativo e Financeiro

Entrevistas e Redação
Claudio Ferreira | *Jornalista*

Coordenação de Projeto, Pesquisa e Edição de Texto
Ana Maria Patury Assumpção | *Assessora para Relações
Institucionais da Casa Thomas Jefferson*

Acompanhamento e Supervisão
Luiz Carlos Costa | *Produtor Sociocultural da Casa Thomas Jefferson*

Produção
Aurélio Araújo

Pesquisa Fotográfica
Ana Beatriz Magalhães

Revisão
Maria Amélia de Amaral e Elói

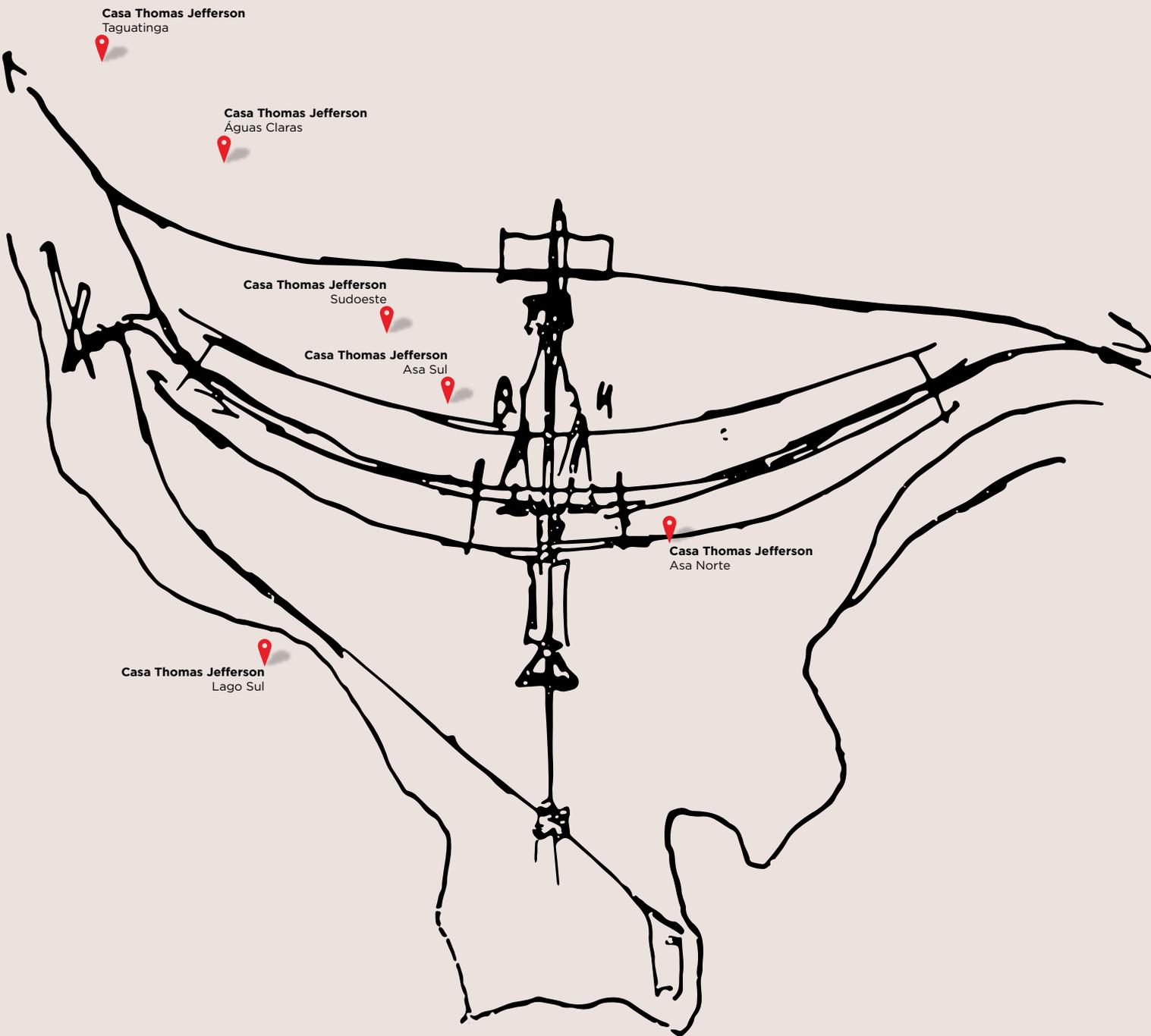
Projeto Gráfico e Diagramação
Danilo Lima
Consultoria7 | www.consultoria7.com

Fotografia
Márcio de Holanda

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	14
UMA REDE DE CENTROS BINACIONAIS	19
CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIA	22
CONTRATAÇÕES	26
ANOS DE CHUMBO	28
SETOR COMERCIAL SUL	30
1973-74 CTJ ASA SUL	34
UM FAROL PARA BRASÍLIA	41
TAGUATINGA	44
ÁGUAS CLARAS	46
ASA SUL	48
LAGO SUL	50
ASA NORTE	52
SUDOESTE	54
POSTOS AVANÇADOS EMPRESAS	56
CONSELHO CULTURAL	57
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS	62
EXCELÊNCIA ACADÊMICA	66
PROFESSORES	67
KEYS	70
ALUNOS	72
DEPOIMENTOS	73
APOIO	76
TECNOLOGIA	77
LIVROS DIDÁTICOS	80
BIBLIOTECAS • RESOURCE CENTERS	82
FUNCIONÁRIOS	86
LAÇOS COM A COMUNIDADE	88
TEATRO	90
CINEMA	91
ARTES PLÁSTICAS	92
EVENTOS CULTURAIS	93
FESTAS E COMEMORAÇÕES	94
INTERCÂMBIO	96
RESPONSABILIDADE SOCIAL	98
JOVENS EMBAIXADORES	100
COMUNIDADE	102
PRÊMIOS E CERTIFICAÇÕES	103
MEMÓRIAS DA THOMAS	106

APRESENTAÇÃO



Casa Thomas Jefferson
Taguatinga

Casa Thomas Jefferson
Aguas Claras

Casa Thomas Jefferson
Sudoeste

Casa Thomas Jefferson
Asa Sul

Casa Thomas Jefferson
Asa Norte

Casa Thomas Jefferson
Lago Sul



Cinquenta anos de história reunidos em um livro que conta a trajetória da Casa Thomas Jefferson em Brasília

É com muito orgulho e prazer que comento o lançamento deste precioso livro, que tem muito a dizer sobre os alunos e funcionários que aqui estudaram ou trabalharam. Com muito orgulho, porque esta instituição de ensino faz parte da minha vida pessoal e profissional. Pessoal, pois foi onde meus filhos e esposo aprenderam a língua inglesa; profissional, pois é na Casa que venho há mais de trinta anos aperfeiçoando meus conhecimentos linguísticos e de gestão administrativa e contribuindo, com o apoio dos funcionários, tanto da área administrativa como acadêmica, para o seu crescimento.

Foi em abril de 1963, quando Brasília começava a se destacar no cenário político nacional como sede da nova capital e como uma cidade que crescia e se desenvolvia muito rapidamente, que a Casa Thomas Jefferson aqui plantou sua primeira semente. Ao longo desses 50 anos, essa semente vem se desenvolvendo e dando muitos frutos. Hoje temos seis filiais - Asa Sul, Asa Norte, Lago Sul, Taguatinga, Sudoeste e Águas Claras, e a Casa é reconhecida nacionalmente por sua excelência em promover um ensino de alta qualidade da língua inglesa e por patrocinar eventos culturais oferecidos gratuitamente a toda a comunidade.

Aproveito a ocasião para reiterar o orgulho que tenho em fazer parte da equipe Thomas Jefferson e para agradecer a dedicação de nossos professores e funcionários das mais diversas áreas que, com profissionalismo e determinação, continuam a fazer desta instituição uma referência educacional e cultural no Brasil e no exterior.

— **Lucia Santos**

Diretora Executiva da Casa Thomas Jefferson



Em 1963, visitei Brasília na mesma época da criação da Casa Thomas Jefferson, um Centro Cultural Binacional sem fins lucrativos, idealizado e fundado com a missão de contribuir para o desenvolvimento educacional e cultural da nova capital.

Em 1972, juntei-me aos candangos da nova epopeia para, também, dar a minha contribuição no desenvolvimento da cidade como professor da Universidade de Brasília, na área de Relações Internacionais e Ciência Política. Quase uma década depois da fundação da Casa Thomas Jefferson, conheci o excepcional trabalho realizado pela instituição e dela comecei a fazer parte.

Desde então, participo ativamente do Conselho Cultural Thomas Jefferson, tendo assumido diversas posições, em caráter voluntário, ao longo de mais de quatro décadas, ciente da contribuição inestimável da Thomas para a comunidade brasiliense. Acompanhei, também, a trajetória da imensa importância da instituição sob a perspectiva de pai de dois alunos que nela aprenderam a língua inglesa, iniciando no curso infantil e concluindo o avançado. Atualmente, esses dois ex-alunos seguem carreiras acadêmicas e profissionais de sucesso, utilizando os conhecimentos aqui adquiridos.

Sinto-me à vontade para afirmar que incontáveis ex-alunos da Casa Thomas Jefferson alcançaram seus objetivos nessas duas áreas, contando, de maneira decisiva, com o conhecimento linguístico adquirido na Thomas. Por tudo isso, posso seguramente atestar, em meu nome e dos demais membros do Conselho Cultural Thomas Jefferson, que a Casa Thomas Jefferson, uma instituição genuinamente brasiliense, segue trabalhando e cumprindo fielmente o seu Estatuto na missão de prestar serviços culturais e acadêmicos de excelência e imenso valor para a sociedade de Brasília.

— **David Verge Fleischer**

*PhD pela University of Florida,
Presidente do Conselho Cultural Thomas Jefferson e
Professor Emérito de Ciência Política da Universidade de Brasília*



▼
John Mateel, Susan Bell, Embaixador dos EUA
Thomas A. Shannon, Elinor Moren,
Ana Maria Assumpção, Lucia Santos,
Isabela Villas Boas e Luiz Carlos Costa

Congratulations to Casa Thomas Jefferson on its fifty years in Brasilia. We are proud to be associated with such a great institution; and we are grateful for all our cooperation and collaboration over what literally is a lifetime. We look forward to the next fifty years.

I recall working in Brasilia as a young diplomat twenty-five years ago. Brasilia was a great place then, and it has gotten even better. I have personally enjoyed visiting the Casa and taking part in its cultural and educational events. As Brazil's horizons expand, so do the Casa's. With sixteen thousand students, Casa Thomas Jefferson is truly a force in Brasilia. The Casa has played an important role in Brazil's transformation into a peaceful, democratic world power. It will play an even more important role as young Brazilians work to transform the world.

Congratulations to all of you!

— **Thomas A. Shannon**
U.S. Ambassador to Brazil



O ano de 2013 assinala um momento de suma importância para a Casa Thomas Jefferson. Em fevereiro de 1963, os primeiros passos foram dados em direção à concretização de uma aspiração que nasceu de um sonho, como ocorreu com a criação de Brasília. A cidade, ainda em construção, gentilmente acolhia aqueles que, por razões e circunstâncias diversas, voluntariamente ou não, tinham alterado seu destino e embarcado em uma frágil nau rumo a um mundo desconhecido, como os antigos navegantes. A diferença é que aqui o mar havia virado terra, mas o horizonte sem limites insinuava nos corações a possibilidade da existência de riquezas e descobertas.

Em 1963, o primeiro ninho foi construído por sábias e ágeis andorinhas após conversas na beira dos telhados. Um pequeno prédio na 510 Sul passou a abrigar uma biblioteca, cinco salas de aula, os primeiros alunos e seus professores. Em pouco tempo, a população tomou conhecimento da existência da Casa Thomas Jefferson. A curiosidade era grande em torno do nome deste senhor. Os professores e funcionários da instituição revelaram a face, ainda desconhecida, do impecável estadista, diplomata, arquiteto, músico, escritor, e autor da Declaração da Independência dos Estados Unidos. Não poderia ter sido escolhido melhor patrono para uma instituição que brotava de uma terra virgem, varrida pelos ventos da esperança.

Cinco décadas se passaram e a Thomas, acompanhando a expansão da cidade, multiplicou o número de alunos, professores e unidades sem jamais perder o foco de sua missão educacional e cultural e a confiança da comunidade.

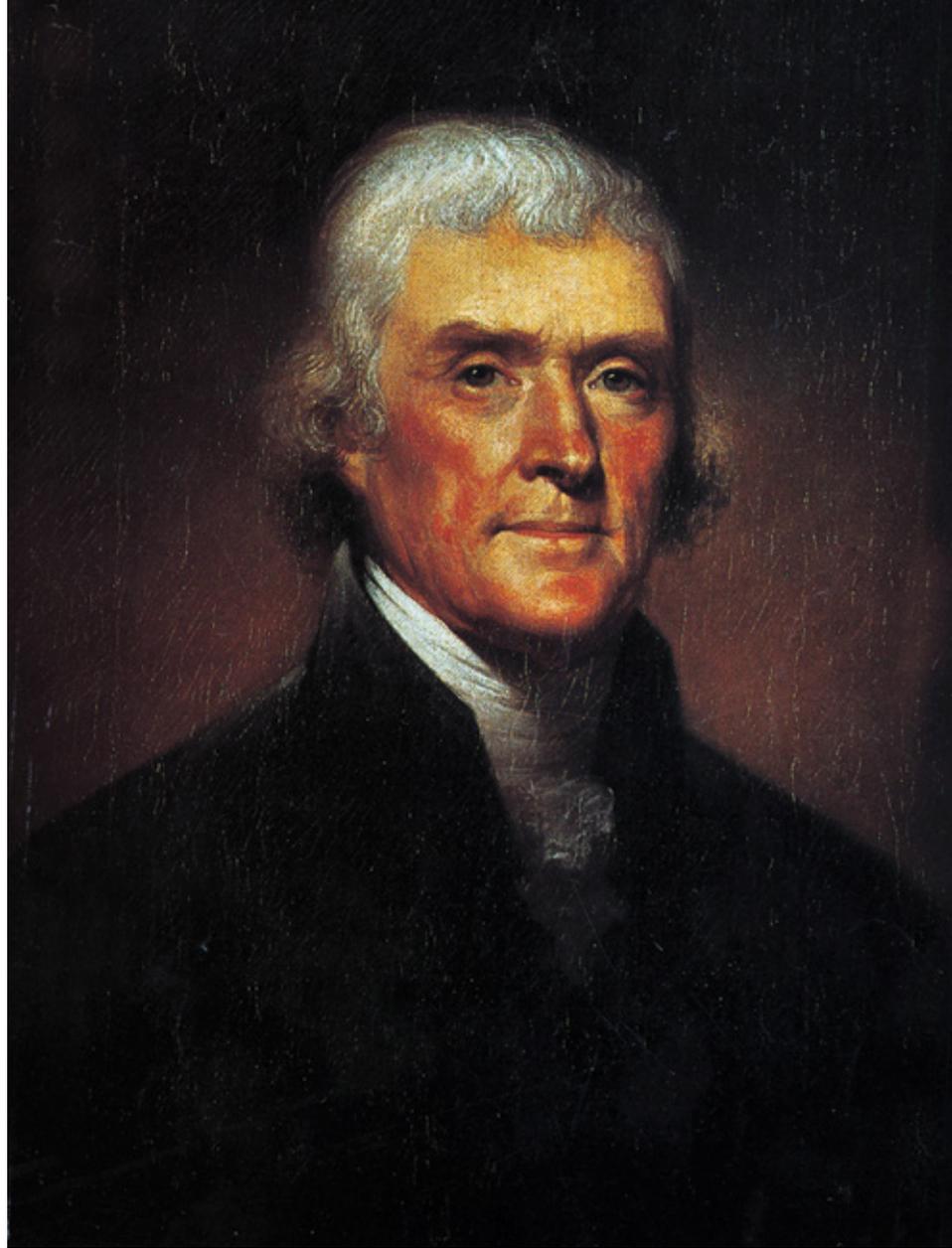
Agradecemos e celebramos esta conquista àqueles que com seu labor incansável e amoroso construíram os primeiros ninhos. Agora, centenas de andorinhas, em todas as unidades da Thomas Jefferson, contribuem, dia após dia, com afeto, dedicação, sementes e grãos para a solidez e a perenidade dos ninhos que acolhem todos os que buscam conhecimento, cultura e esperança em nossas Casas.

— **Ana Maria Assumpção**

Assessora para Relações Institucionais da Casa Thomas Jefferson

INTRODUÇÃO

POR QUE
THOMAS
JEFFERSON?



Thomas Jefferson Portrait

This is an undated photo of a 1800 portrait depicting Thomas Jefferson by artist Rembrandt Peale.
C | AP Photo/File

Autor da Declaração da Independência dos Estados Unidos, terceiro presidente do país, Thomas Jefferson não foi apenas uma personalidade política importante – foi também um homem da cultura e, principalmente, dos livros. Historiador e filósofo poliglota, ele tem seu nome permanente ligado à intelectualidade, em homenagens mundo afora, como a que é feita em Brasília por meio da Casa Thomas Jefferson.

O mandato de Jefferson como presidente durou de 1801 a 1809. O integrante do grupo conhecido como “*The Founding Fathers*” (Pais Fundadores), composto pelos signatários da Declaração da Independência, sucedeu a John Adams, que tinha herdado o cargo de George Washington. Um dos destaques do período de Jefferson à frente do país foi a compra do território da Louisiana, em 1803 as terras pertenciam à França, e o presidente norte-americano as adquiriu de Napoleão por quinze milhões de dólares.

A ligação de Thomas Jefferson com a França era forte. Ele tinha sido ministro residente no país (o status ainda não era de embaixador) entre 1785 e 1789, substituindo Benjamim Franklin. Admirador dos ideais da Revolução Francesa, ele aproveitou a estada na França para estudar a cultura europeia – e enviou para

os Estados Unidos livros, sementes, plantas, estátuas, cópias de projetos arquitetônicos e instrumentos científicos, entre outros materiais. Antes de seu retorno aos Estados Unidos, em outubro de 1789, Jefferson testemunhou os dramáticos incidentes que desencadeariam a Revolução Francesa. Era um historiador que admirava tanto o passado quanto o futuro, como expressou em uma frase célebre:



*I like the dreams
of the future
better than the history
of the past*

“Eu gosto mais dos sonhos do futuro do que da história do passado”

Suas bibliotecas eram um capítulo à parte. No quarto de desenho da casa onde vivia em Charlottesville, Virginia, foram construídas prateleiras especiais para os “livros de pequenos formatos”. Jefferson procurava as menores edições publicadas de cada título. Foram contabilizados cerca de 100 volumes de autores britânicos, além de obras de franceses, italianos, poetas gregos e latinos – tudo na língua original.

A biblioteca principal da casa, no entanto, tinha mais de seis mil livros. Foi este acervo que Thomas Jefferson vendeu à Biblioteca do Congresso em 1815. Três anos antes, durante a guerra com a Inglaterra, o Capitólio havia sido incendiado e o fogo havia consumido uma biblioteca com três mil volumes. Jefferson se dispôs a passar sua coleção ao governo.

Em uma primeira avaliação, foram contabilizados 6.487 volumes e o preço pedido por ele foi de US\$ 23.950. Na contagem feita posteriormente, foram encontrados mais 220 volumes, que também foram doados sem acréscimo no preço. No final do século XIX, um dos prédios da Biblioteca do Congresso foi batizado com o nome de Jefferson.

Os biógrafos destacam algumas obras dessa gigantesca coleção. Contam que Thomas Jefferson aprendeu espanhol lendo “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, no original e estimulou os filhos a fazerem o mesmo. Também está registrada a compra de uma tradução do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos, com dois volumes publicados em 1764. Vale lembrar que, em 1779, Thomas Jefferson apresentou um projeto de lei estabelecendo a liberdade religiosa nos Estados Unidos. A mesma foi finalmente aprovada em 1786 enquanto era Ministro residente em Paris. As estantes em Charlottesville também guardavam os três volu-

mes do clássico da Economia “A Riqueza das Nações”, de Adam Smith, em edição de 1784.

“

I cannot live without books, but fewer will suffice where amusement, and not use, is the only future object

“Não posso viver sem livros, mas, para meu entretenimento, precisarei de um número inferior ao daqueles que ampliarão meus conhecimentos”, em tradução livre.

O terceiro presidente dos EUA inventou um sistema próprio de marcar os seus livros – um método que misturava letras cursivas e letras de imprensa escritas em cada página. De acordo com os biógrafos, em uma carta ao ex-presidente John Adams, datada de junho de 1815, ele expressa o seu amor pelos livros.

Também há registros, nas cartas de Thomas Jefferson, das recomendações literárias feitas aos filhos e netos. Não há uma lista de livros, mas sugestões de obras de história e ensino de língua estrangeira, além de poesia. O intelectual também enviava recortes de jornais aos familiares com indicações de leitura.

Tanta admiração pelos livros inspirou diversas homenagens, dentro e fora dos Estados Unidos. Em território norte-americano, há várias bibliotecas batizadas como Thomas Jefferson: em Saint Louis, Missouri (a maior da área metropolitana), Falls Church (Virginia) e Rapid City (Dakota do Sul), por exemplo. Uma universidade em Filadélfia (Pensilvânia) e uma escola de Direito em San Diego (Califórnia) foram batizadas com seu nome. Bem longe dali, foi fundado o “Thomas Jefferson Information Center”, na Embaixada dos Estados Unidos em Manila, Filipinas.

Uma curiosidade especial para os brasileiros: em uma tese de mestrado, a primeira professora da Casa Thomas Jefferson, Norma Sant’Anna, comprovou a ligação de Thomas Jefferson com o Brasil colônia. Anos depois, em entrevista ao jornalista Sócrates Arantes, ela contou como foi seu processo de pesquisa. “Eu li na Biblioteca do Congresso dos EUA vinte e cinco volumes de cartas de Thomas Jefferson – “The Papers of Thomas Jefferson” – e descobri cartas em francês trocadas com um jovem estudante carioca de nome José Joaquim da Maia, que usava o pseudônimo Vendek. Em carta enviada a John Jay, Secretário de Estado americano, Jefferson comenta que o jovem representava um

grupo de brasileiros em Minas Gerais que, inspirados pelas ideias da revolução americana, solicitavam o apoio dos Estados Unidos para uma rebelião contra o domínio português. A rebelião ficou conhecida como a Inconfidência Mineira. O encontro secreto de Jefferson com José Joaquim da Maia, estudante na Universidade de Montpellier, ocorreu em janeiro de 1787 em Nîmes, cidade no sul da França conhecida por seus belos monumentos romanos e antiguidades. Jefferson recomendou a Maia, em mensagem confidencial, que se hospedassem no mesmo hotel e que o estudante, após a chegada, indagasse pelo “voyageur étranger”. Durante o cordial encontro, Jefferson explicou que como ministro residente na França, embora receptivo ao movimento, não poderia apoiá-lo, mas que encaminharia o pleito ao Secretário de Estado. A tese da professora Norma - A Influência de Thomas Jefferson na Independência do Brasil - foi objeto de elogios e publicada em português e inglês.

O embaixador Marcelo Raffaelli, em seu livro “A Monarquia e a República”, registra que, um século mais tarde, a presença de dom Pedro II nas comemorações do primeiro centenário da independência americana, em 1876, foi particularmente grata ao governo e ao povo dos Estados Unidos, pois o imperador foi o único chefe de estado a prestigiar o evento.

UMA REDE
DE CENTROS
BINACIONAIS

UMA REDE DE CENTROS BINACIONAIS

Até o início do século XX, Paris era a capital cultural do mundo e era a França quem ditava comportamentos e tendências nas artes e na moda, por exemplo. A língua francesa era, indiscutivelmente, a segunda língua adotada por quem queria demonstrar o mínimo de erudição. Com a mudança do jogo de poder global, a influência dos Estados Unidos na política e economia foi acompanhada também por uma valorização da língua inglesa como ferramenta de uso comum entre os países.

Para alavancar essa conquista da língua inglesa e da cultura norte-americana, foram criados os centros binacionais (BNCs). Ligados às embaixadas dos EUA nos campos cultural e educacional, mas independentes administrativa e financeiramente, eles ajudaram a reforçar as relações entre os Estados Unidos e a América Latina. O primeiro centro das Américas foi criado na Argentina, em 1927 – o Instituto Cultural Argentino Norte-Americano (ICANA).



**Instituto Cultural Argentino
Norteamericano • ICANA**
O primeiro Centro Binacional das Américas

A atuação do Brasil como aliado dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial despertou a atenção do governo norte-americano para a oportunidade de instalar, também aqui, os centros binacionais. O apoio logístico foi dado pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, comandado, nos anos 40, por Nelson Rockefeller. Em 1937 e 1938 foram criados, respectivamente, os centros binacionais do Rio de Janeiro (Instituto Brasil-Estados Unidos - IBEU), Porto Alegre (Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano) e São Paulo (União Cultural Brasil-Estados Unidos). Em 1941 foi fundada, em Salvador, a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), por um grupo de intelectuais baianos, bem como o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos de Curitiba (InterAmericano) no mesmo ano.



Nelson Rockefeller
C | Central Press Getty Images

Atualmente, são mais de 40 centros binacionais em todo o país, reunidos na *Brazilian Association of Binational Centers* (Coligação de Entidades de Cultura Brasil-Estados Unidos). Com a Embaixada dos Estados Unidos, eles mantêm uma relação de parceria e interdependência, segundo a assessora para assuntos de Educação e Cultura da representação diplomática, Márcia Mizuno.

“A embaixada não pode estar presente em todas as cidades”, afirma ela. Os centros fazem a ponte cultural entre as comunidades e a embaixada. Além da embaixada em Brasília, os EUA têm consulados no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Recife, além de representações em Belo Horizonte, Manaus, Salvador, Fortaleza e Porto Alegre.

Márcia explica que a criação dos Centros Binacionais resultou de

iniciativas de membros da comunidade que cursaram universidade nos Estados Unidos e viveram experiências enriquecedoras no exterior. Todas as instituições buscam a excelência acadêmica e oferecem acesso da comunidade a suas bibliotecas. “O objetivo é ser mais que uma escola de inglês”, ressalta ela, que destaca a prestação de serviços dos escritórios de aconselhamento educacional (EAO) com informações sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos.

O ensino de inglês é a única fonte de renda dos centros binacionais, mas a embaixada norte-americana dá suporte a iniciativas como seminários para professores e feiras de intercâmbio. Há um intercâmbio, também, entre os centros, que compartilham, por exemplo, especialistas no ensino da língua inglesa. Frequentemente são disponibilizados recursos para a renovação do espaço físico dos BNCs e melhoria do atendimento à comunidade. As editoras cujos livros são adotados pelos BNCs periodicamente promovem seminários para os professores dos centros com os autores das obras.

Márcia Mizuno ressalta o papel de destaque da Casa Thomas Jefferson.



Vários projetos são implementados na CTJ e depois adotados em outros centros binacionais

, revela, com orgulho, a ex-aluna da instituição. Ela lembra que a embaixada tem um programa de certificação dos centros binacionais emitindo certificados diferentes, de acordo com o tamanho e as possibilidades da instituição. A CTJ recebeu da representação diplomática o certificado na categoria máxima de excelência, um reconhecimento importante de suas atividades acadêmicas, culturais e sociais.

CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIA



Bernardo Sayão no aeroporto de Brasília • 1958

C | Arquivo Público do Distrito Federal



Lançamento da pedra fundamental da futura sede da Embaixada dos EUA • Fevereiro de 1960

C | Biblioteca Presidencial de Eisenhower



A construção da Embaixada dos EUA em Brasília • Julho de 1960

C | Arquivo Embaixada dos EUA



A Embaixada em Brasília • Abril de 1961

C | Arquivo Embaixada dos EUA

A semente para a instalação do primeiro centro binacional no Planalto Central pode ter surgido em abril de 1957, três anos antes de Brasília ser inaugurada. Foi nesse período em que o embaixador dos Estados Unidos na época, Ellis Briggs, visitou as obras da futura capital do país. Ficou hospedado no Catetinho, moradia provisória do então presidente Juscelino Kubitschek. Ciceroneado pelo engenheiro Bernardo Sayão tornou-se o primeiro chefe de missão estrangeira a conhecer o canteiro de obras da cidade que nascia no cerrado brasileiro.

Em agosto de 1958, Briggs voltou ao Planalto Central para acompanhar o secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, que também decidiu visitar as obras de Brasília. E em fevereiro de 1960, dois meses antes da inauguração, o próprio presidente Dwight Eisenhower fez uma visita oficial à cidade. Aproveitou para lançar a pedra fundamental da futura sede da Embaixada dos Estados Unidos – o terreno já tinha sido entregue simbolicamente por JK ao secretário Dulles, conforme relata o jornalista Manuel Mendes no livro “O Cerrado de Casaca”, em que dá detalhes desta sequência de visitas oficiais norte-americanas à futura capital.

A sede da Embaixada dos Estados Unidos foi inaugurada em 4 de abril de 1961 e, segundo Manuel Mendes, foi o primeiro prédio de uma representação diplomática estrangeira no Planalto Central. O jornalista reproduz o discurso do embaixador dos EUA, John Moors Cabot, feito durante a inauguração. É nesse texto que temos o primeiro registro da “pré-história” da Casa Thomas Jefferson. Disse o embaixador: “Além deste edifício, o Governo dos Estados Unidos planeja a construção, em breve, de um prédio que abrigará o Serviço de Divulgação e Relações Culturais e um Centro Binacional”.

No mesmo dia, relata Mendes, foi instalado em uma loja na SCLS 106, rua comercial da Asa Sul de Brasília, um escritório provisório do USIS (*United States Information Service*). O USIS era a versão, para o exterior, da USIA (*United States Information Agency*), órgão do governo norte-americano responsável pela diplomacia pública no resto do mundo. A agência funcionou de 1953 a 1999 em numerosos países. A estrutura do escritório em Brasília incluía uma biblioteca e filмотeca.

No ano seguinte, em 1962, o projeto de um centro binacional ganhou importante adesão: a do linguista professor A. J. Hald Madsen, residente no Rio de Janeiro. Convidado pela embaixada para ir a Brasília estudar as possibilidades de concretização do intento, ao chegar, fez contatos com autoridades locais, congressistas e educadores e constatou que a maioria dos cidadãos entrevistados não pretendia fixar residência na nova capital. Decidiu, então, procurar o apoio do Serviço de Divulgação e Relações Culturais da Embaixada norte-americana para apresentar a elaboração do projeto pedagógico.

Afortunadamente, Hald Madsen encontrou um amplo local para a implantação do centro binacional, na avenida W3 Sul, uma das mais importantes e movimentadas da cidade. A quadra era



a 510 Sul, e o edifício abriga, atualmente, uma agência bancária. Coincidentemente, o Serviço de Divulgação e Relações Culturais pretendia instalar no andar térreo daquele prédio uma biblioteca com acervo em inglês. No primeiro andar seria instalado o setor administrativo possibilitando, assim, que no subsolo fossem construídas quatro ou cinco salas de aula, uma área de circulação e um pequeno escritório. O projeto de divisão do espaço foi submetido ao Adido Cultural da embaixada e aprovado em Washington D.C.

O Centro Binacional começou a funcionar no primeiro dia de fevereiro de 1963 e foi inaugurado oficialmente em março do mesmo ano. Recebeu o nome de Casa Thomas Jefferson, diferenciando-se das outras entidades espalhadas pelo país, geralmente nomeadas com siglas e quase sempre com as palavras Brasil e Estados Unidos na identificação. A primeira diretora da Casa Thomas Jefferson foi Dorothy Pond, ex-professora de inglês do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), segundo relato escrito de Madsen. Vinte candidatos a professor foram admitidos no primeiro curso intensivo de treinamento. A primeira professora contratada foi Norma Corrêa Meyer Sant'Anna, casada com um dos engenheiros pioneiros da cidade, Cláudio Sant'Anna, que chegou do Rio de Janeiro em 1958, com quatro filhos. Anos mais tarde, ela contou sua experiência inicial em entrevista ao jornal CTJ Gateway, publicação interna da Casa Thomas Jefferson.

A professora Norma foi chamada pela Embaixada dos Estados Unidos em janeiro de 1963. “Já havia lido os anúncios da Casa Thomas Jefferson e disse ao meu marido que entraria na escola quando ela abrisse”. Mas na conversa com o Adido Cultural, ela declarou que queria ingressar como aluna, porque tinha estudado inglês britânico e não conhecia a pronúncia norte-americana. Foi Hald Madsen, palestrante de um seminário sobre língua inglesa no qual ela estava presente, em fevereiro do mesmo ano, quem a convenceu a se tornar professora – e, assim, Norma veio a lecionar durante 25 anos na Casa Thomas Jefferson. “Meus filhos e meu marido estudaram na Thomas e todos foram meus alunos”, disse ela na entrevista.

Norma Sant'Anna chegou a dar aulas para três gerações da mesma família e afirma que ficou conhecida por ser uma professora exigente. Ela lembrou que dizia aos alunos: “Eu sou paga para ensinar, e vocês pagam para que eu ensine; se não querem aprender, o pai de vocês está gastando dinheiro à toa. Então, eu tenho que exigir”. Anos depois de estudarem com ela na Thomas, os alunos a procuravam para agradecer-lhe a dedicação. Na entrevista ao CTJ Gateway, Norma revelou a “senha” que indicava quem tinha estudado nas suas classes: “Na rua, quando me chamam de Mrs. Sant'Anna, eu sei que é aluno da Thomas Jefferson”.

O jornal Correio Braziliense, em edição de março de 1963, registra um seminário, continuação do curso ministrado por Hald Madsen, do qual participou a consultora Elizabeth Sadler, da Agência de Informações dos EUA (USIA). O jornal destaca o currículo de Mrs. Sadler, com passagens por vários países da Ásia e América do Sul – e mostra que, pouco antes do início do primeiro semestre letivo, os professores tiveram aulas de linguística aplicada ao ensino



O presidente Eisenhower ladeado pelo presidente Kubitschek e pelo diretor da Novacap, Israel Pinheiro, saúda o público em frente ao palácio do Planalto • Fevereiro de 1960
C | Biblioteca Presidencial de Eisenhower

CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIA

do inglês e orientações sobre como usar os recursos técnicos disponíveis à época, como biblioteca, filmes, discos e o futuro Laboratório de Linguagem, que seria instalado logo depois. A notícia do jornal lembra ainda que os cursos de treinamento continuariam mesmo após o início das aulas, em 18 de março.

Outra professora, Solange Pedroza, começou a trabalhar na Thomas em 1964, mas como secretária do escritório de representação do USIS. No entanto, depois de um período longo morando em Washington D.C., ela já tinha dado aulas de inglês e falava a língua fluentemente. Tinha, portanto, o perfil certo para assumir turmas que utilizavam o método English 900, baseado em um modelo em que o professor falava e os alunos repetiam.



Alunos em sala de aula da Casa Thomas Jefferson, na Asa Sul • 1974
C | Arquivo CB. D.A Press

Ela relata que, provisoriamente, a biblioteca tinha sido instalada em um dos apartamentos da quadra 113 Sul – Alguns blocos residenciais dessa quadra haviam sido construídos pela Embaixada dos Estados Unidos para acomodar funcionários americanos transferidos do Rio de Janeiro. Em 1963, a biblioteca foi transferida para o prédio na W3 Sul.

Solange trabalhava como horista e tinha poucas turmas. Ainda tem saudades do início da atuação pioneira da Thomas na cidade. Guarda na memória uma experiência interessante: havia um intercâmbio significativo de professores com as escolas da Fundação Educacional do Distrito Federal.

“

O ensino público, modelo de excelência, era adotado pelas escolas particulares.

, lembra.



▼
Fernanda Paes de Carvalho organiza livros em nova instalação da Casa Thomas Jefferson na Asa Sul
C | Arquivo CB. D.A Press

Ela descreve a Thomas dos primeiros anos como um centro de recursos culturais. O jornalista José Augusto da Costa, por exemplo, organizava sessões de cinema no subsolo. E a biblioteca tinha o melhor acervo de literatura em língua inglesa depois da Universidade de Brasília.

Foi também o inglês fluente por causa de uma longa temporada nos Estados Unidos que levou Fernanda Paes de Carvalho para a Casa Thomas Jefferson, mais especificamente para a biblioteca. Ela começou a trabalhar como bibliotecária no primeiro ano de funcionamento da escola e lá permaneceu durante 15 anos. A biblioteca, conta ela, era dirigida ao público em geral e, principalmente, aos alunos da instituição. O acervo era constituído, em sua maioria, por obras que divulgavam a cultura norte-americana. Ela destaca sua melhor lembrança daquela época: “os bons amigos que fiz durante esse período da minha vida e que conservo até hoje”. Fernanda, hoje aposentada, vive em Petrópolis no estado do Rio de Janeiro.

CONTRATAÇÕES

Uma dessas boas amigas de Fernanda é Diva Oliveira, que ingressou na Thomas em 1964, já adulta, como aluna. Alguns anos depois, lembra ela, dois professores norte-americanos, chamados Nicholson e Young, recomendaram que ela se tornasse professora. Fez o curso de treinamento e foi contratada. As contratações, aliás, não seguiam o modelo administrativo atual pois ainda não havia sido criado o Conselho Cultural Thomas Jefferson. “Os salários eram pagos no banco por meio da apresentação de um documento, com o logotipo da Casa Thomas Jefferson, onde estava escrita a quantia a receber”, lembra ela que até pouco tempo guardava um desses recibos.

Diva Oliveira conta que a Thomas ia crescendo junto com Brasília. “Tínhamos um número limitado de alunos, muitos filhos de funcionários públicos e autoridades. Em todo lugar que eu ia, encontrava as mesmas pessoas”, diz ela, que enumera as opções de lazer da época: o Cine Brasília, que ainda existe na Entrepraça 106/107 Sul e o Cine Cultura, que ficava na 507 Sul e não existe mais. “A Thomas tinha professores brasileiros e americanos. Os americanos ministravam aulas no período noturno”, recorda-se.



Cine Brasília • 1964
C | Arquivo Público do Distrito Federal

Outra professora que ingressou na Thomas, primeiro como aluna, foi Eneida Coaracy. Vinda do Ceará, compôs a primeira turma da escola e ficou até 1966. “Era um prédio pequeno, com uma porta de vidro, a direção no andar superior, a biblioteca no térreo e as salas de aula no subsolo”, descreve ela. Outra lembrança é de que não havia muitas crianças estudando. “Eu e minha irmã estudávamos no colégio Caseb de manhã e morávamos na quadra 308 Sul. Íamos para a Thomas à tarde, a pé”, diz Eneida. “Era um lugar interessante, motivador, eu ainda me lembro de alguns professores”. Depois de ganhar uma bolsa e estudar em Chicago (Estados Unidos), ela retornou à Thomas e fez o curso de treinamento para professores. Começou a dar aulas em 1970, ainda no prédio da quadra 510 Sul.

Quem também tem muitas recordações sobre o prédio da avenida W3 Sul é a ex-funcionária e ex-aluna Eliane Bittes, que chegou à Casa Thomas Jefferson em agosto de 1969 para estudar. Ela conta que, depois de algum tempo, conseguiu uma bolsa de estudos, sob a condição de trabalhar na biblioteca. “Lá eu ajudava no que era preciso: organizava e limpava os livros, atendia as pessoas, fazia de tudo um pouco”, relata Eliane, que hoje mora em Araxá, no Triângulo Mineiro.

Ela se lembra das salas no subsolo e de um laboratório com gravadores, fitas cassetes e grandes fones de ouvido. A professora Diva Oliveira também se lembra do laboratório, que tinha várias cabines e um professor sempre de plantão. Os professores homens, diz Eliane Bittes, davam aula de terno e gravata. E o grande temor dos alunos eram as provas orais. “Após terminar a sua avaliação, cada aluno se sentava junto com os que não haviam feito ainda, para dar apoio”.

A jovem enfermeira norte-americana Elinor Watson Moren, que

anos depois integraria o Conselho Cultural da Casa Thomas Jefferson, assumindo a presidência do Conselho entre 2004 e 2012, também deu aulas na instituição nos anos 60. Em Brasília desde 1961, quando aqui chegou de Nova York acompanhando seu esposo médico, Dr. Oscar Mendes Moren, foi convidada a trabalhar na Thomas Jefferson pela diretora da instituição, Mrs. Frances Switt. “Era tudo muito simples, a gente dava aula para adultos, entre eles esposas de deputados”, lembra ela, que pouco antes de ingressar na Thomas, tinha ministrado aulas particulares de inglês, enquanto aperfeiçoava, no dia a dia, seus conhecimentos da língua portuguesa.

Outra integrante do Conselho Cultural, e também ex-presidente, Clélia Capanema, participou dos primeiros tempos da Casa Thomas Jefferson como aluna. Mesmo já sendo professora de escolas públicas de Brasília, ela iniciou o curso no primeiro ano e teve como colegas de classe os alunos do ginásio para quem dava aula. “Meu marido falava que era muita humildade”, lembra-se ela, que estudava das 19h às 21h e destaca a segurança que Brasília oferecia naquela época. “Eu morava na 708 Sul, a duas quadras da Casa Thomas Jefferson, e voltava tranquilamente pela W3 Sul”.



▼
Avenida W3 Sul • Anos 60
C | Arquivo Público do Distrito Federal

Depois de uma temporada de um ano no Equador, o professor norte-americano Allen Bennet chegou ao Brasil sem destino certo. Decidiu ficar em Brasília e começou a dar aulas na Casa Thomas Jefferson. Lembra-se das turmas para os congressistas e para autoridades do governo, funcionários dos ministérios e de órgãos públicos como a Caesb. “A Casa atraía os melhores professores da cidade”, afirma ele, que trabalhou dois anos como professor e até hoje é “freguês” das bibliotecas da Thomas na Asa Sul e Asa Norte.

Rosely Foizer era uma estudante de Letras de 20 anos quando ingressou nos quadros da Thomas e viveu os últimos momentos da primeira sede na W3 Sul. Ela fala com carinho da escola pequena, cujo forte era, desde o início, o corpo docente. “Havia pouca estrutura de materiais didáticos, mas isso não nos desanimava. Ao contrário, havia entre nós um afã de mostrar uns aos outros nossas próprias estratégias didáticas, nossas descobertas de bons materiais para as nossas aulas”, recorda.

Inaugurada pouco mais de um ano antes do golpe que instituiu um governo militar no país, a Casa Thomas Jefferson, vez ou outra, era relacionada ao governo norte-americano, em virtude dos laços culturais e educacionais que mantinha com a Embaixada dos Estados Unidos. Nos anos em que a repressão dos militares sobre os militantes de esquerda tornou-se mais forte, o prédio da W3 Sul foi alvo de alguns ataques.

A convivência com o poder e com o regime de exceção é relatada pela primeira professora contratada, Norma Sant´Anna, em entrevista ao CTJ Gateway. “A diretora resolveu criar um curso para deputados. Eu fui escolhida para ministrar as aulas. No final não durou muito tempo porque logo veio a revolução e todos os meus 26 alunos foram cassados. Fiquei sem alunos. Um deles, chamado Wilson Martins (que depois se tornaria governador do Mato Grosso do Sul) foi à minha casa se despedir”.

Manifestações contra a ditadura militar eram habituais na W3 em frente à Casa Thomas Jefferson. “Quando havia uma passeata, a escola era um dos pontos mais visados. Meu pai pedia para não irmos à aula, pois era perigoso”, conta Eneida Coaracy. “De vez em quando, havia treinamento com os alunos para evacuar a Thomas”, acrescenta Diva Oliveira. No livro “O Cerrado de Casaca”, o jornalista Manuel Mendes faz referência a um atentado em um dia de setembro de 1966, no qual três carros teriam parado em frente ao edifício da W3 Sul por volta de 20h30. Seus ocupantes teriam saído dos automóveis e quebrado as janelas com pedras e barras de ferro.

Uma bomba foi arremessada contra o prédio em 1968, quebrando um dos vidros. O professor Allen Bennett lembra-se da manifestação, em março de 68, como parte dos protestos contra a morte do estudante Edson Luís, no Rio de Janeiro. Houve queima de ônibus na avenida W3 Sul. “Eu estava na casa de uma namorada, perto da Thomas e deparei-me com a manifestação. Estava tirando fotos de tudo quando um jipe do Exército parou e fomos presos”, recorda-se.

Ele foi levado para uma unidade do Exército no Setor Policial Sul, onde viu que muita gente tinha sido presa. “O pessoal ficava comentando: ‘Olha, é o professor Allen’”. Os militares tiraram o filme da máquina de Bennet, que passou a noite na cadeia. Mas, quando os oficiais descobriram que ele era professor da Casa Thomas Jefferson, o tratamento mudou. “Perguntaram se eu queria um cafezinho, e eu saí da cela fria, com cama de concreto, para um lugar mais aberto”. O professor conta que não foi pessoalmente hostilizado e que, no dia seguinte, todos estavam de volta às suas atividades normais.

A professora Solange Pedroza lembra-se das consequências do atentado: um buraco no piso, perto da mesa de uma das salas. Esta, no entanto, foi a última vez que a Casa Thomas Jefferson foi alvo de agressões – a ditadura, no entanto, só iria terminar mais de uma década depois.



▼
Invasão da UnB durante o Regime Militar • 1968
C | CEDOC/UnB

SETOR
COMERCIAL
SUL

O sucesso da Casa Thomas Jefferson foi grande demais para as instalações do prédio da quadra 510 Sul. Uma nota do jornal *Correio Braziliense* registrou, por exemplo, o início de novas turmas do curso superintensivo. E avisou: no segundo semestre de 1971, a CTJ se mudaria para o Setor Comercial Sul, enquanto aguardava a construção da sede própria na W4 Sul, que o jornal chamou de “setor de escolas”.

Dito e feito: em julho do mesmo ano, biblioteca, salas de aula e a estrutura administrativa mudaram-se para o Edifício Bandeirantes, no SCS, exatamente atrás do de um conhecido restaurante. “Das janelas das salas de aula, à noite, a gente via ratos circulando nas imediações do restaurante”, lembra Katy Cox, professora norte-americana que chegou a Brasília em 1971 como integrante de um *Fellow Program* (Programa para Mestres em Ensino da Língua Inglesa). Aqui deveria permanecer durante doze meses, não só ministrando aulas, mas também colaborando com o desenvolvimento e a implantação de projetos educacionais. Cativada pela escola, pela cidade e pelos numerosos amigos, ela ainda permanece na Casa Thomas Jefferson, depois de exercer durante 17 anos o cargo de coordenadora acadêmica geral. Katy, cujo nome real é Catherine, tem sido um dos pilares fundamentais da Thomas, contribuindo essencialmente para a formação e a inspiração de dezenas de professores, muitos dos quais são seus ex-alunos.



Katy Cox
C | Arquivo CTJ

Katy deixou para trás uma bem sucedida carreira de professora no “Alemany Adult School” após a obtenção de um mestrado na *San Francisco University*. No início, estranhou um pouco a nova capital. “Em San Francisco tínhamos 16 nacionalidades diferentes em sala de aula. Aqui senti falta desta dinâmica especial, pois lá, ao sair da sala de aula, o aluno mergulhava inevitavelmente no mundo da língua inglesa”, diz ela. Progressivamente, na Thomas, os alunos mais avessos à comunicação perderam a inibição graças à criatividade e ao estímulo da professora.

Logo Katy se acostumou ao método English 900, mas achou que faltava um acompanhamento visual. Resultado: inventou complementos para as aulas, desenhando, com notável habilidade, divertidas figuras autocolantes, cartões que eram pregados na parede. “Eu comecei a entender o aluno que arriscava sua identidade para aprender outra língua”, reflete. Ela também se rendeu à hospitalidade brasileira e se viu emocionalmente ligada à Casa Thomas Jefferson contribuindo fundamentalmente para seu crescimento e prestígio.

Há 42 anos, diz Katy Cox, os alunos mais jovens perguntavam sobre hábitos, roupas e comida norte-americanos. Os adultos queriam saber sobre aspectos políticos e tendências sociais. Parte desta curiosidade era saciada por meio dos livros providenciados pela Embaixada dos Estados Unidos, por revistas e discos (naquela época, o long-play, ou LP). Isso em meio a um ambiente mais calmo - o Setor Comercial Sul, hoje em dia um dos centros nervosos da capital federal, já tinha uma variedade grande de comércio, escritórios e restaurantes, mas, segundo Katy, era bem mais tranquilo. Naquela época, o coordenador de cursos era um educador americano, Jim McMasters que, em razão de seu enorme interesse pela arte brasileira e pelo país, tornou-se um coleciona-

dor, principalmente de obras de Carlos Scliar, de quem era grande amigo. Encantado pelo Brasil, Jim mudou-se para o Rio de Janeiro e encerrou seus dias em uma agradável casa em Nova Friburgo.

A professora Solange Pedroza também se lembra do dia a dia na sede do SCS. No térreo, havia um laboratório, onde os alunos passavam cerca de 20 minutos por dia. As aulas eram diárias e duravam uma hora. “Muitas mães esperavam os filhos no carro”, recorda-se. Depois, acrescenta Solange, as aulas foram concentradas em duas ou três vezes por semana.

Havia muitos alunos adultos, que chegavam às aulas vestindo terno e gravata. Os jovens entravam no curso regular, à tarde. A partir dos 15, 16 anos, podiam estudar à noite. Mas ainda não havia crianças. Em seguida, foram iniciados os cursos infantis. “A população infantil se expandiu rapidamente, o número de turmas aumentou. Conhecíamos todos os alunos”. Cada professor preparava o seu material: provas, exercícios. E ainda havia muitas professoras norte-americanas – algumas eram esposas de missionários que trabalhavam em missões religiosas e de responsabilidade social em Brasília e no interior de Goiás.

Ana Maria Assumpção lembra-se com saudade da dedicação de professoras que não mais residem no Brasil: Mrs. Reasoner, Mrs. Ruth Sanders, Mrs. McAfee, Joyce Journey, Naomi Lyra, Dorothy Mayer, Kitty Delavaux, Fatima Rodrigues - uma encantadora indiana de risada cristalina nascida em Goa - e outras que regressaram aos Estados Unidos. O coordenador dos cursos, Wendell Biggers, sucessor de Jim McMasters, tinha como braço direito a eficiente assistente Patricia Ann Horta, cidadã americana casada com um brasileiro. A professora Ingrid Graef, mãe dos velejadores Torben, Axel e Lars - que foram alunos da Thomas nos anos 70, enquanto a família residia em Brasília - aliava sua competência e impecável uso do idioma a uma personalidade alegre e comunicativa que fascinava os alunos. Ela deixou saudades, pois faleceu prematuramente quando residia em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

A professora Diva Oliveira recorda-se ainda que no Setor Comercial a biblioteca ficava no andar térreo e era preciso subir uma escada para as salas de aula. “Embora as turmas misturassem adolescentes e adultos, as aulas eram muito bem conduzidas pelos dedicados mestres. A escola já tinha uma boa reputação”, ressalta.



“

A Thomas sempre será
inesquecível para a
nossa família.
50 anos, nossa, o tempo
passa! Saudamos a gloriosa
Casa Thomas Jefferson pelo
registro gráfico do meio século
de bons serviços prestados
à educação e cultura
brasilienses. Bons Ventos!

— **Torben e Lars Graef**

Velejadores e ex-alunos da Casa Thomas Jefferson

A bolsista Eliane Bittes trabalhava justamente nessa biblioteca: “Na época, uma parte da embaixada funcionava no prédio, e era necessário que eu atendesse e conversasse com nativos constantemente”, diz ela, que, por causa disso, pôde desenvolver a conversação em inglês. Eliane se recorda dos vários professores norte-americanos, como Susan Gallagher. “Ela tinha recém chegado ao Brasil e começou a nos dar aulas, mas não sabia falar nada de português. Não tínhamos uma boa fluência em inglês e precisávamos descobrir meios para melhorar a comunicação entre nós”, diverte-se a ex-aluna.

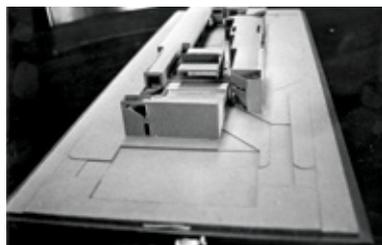
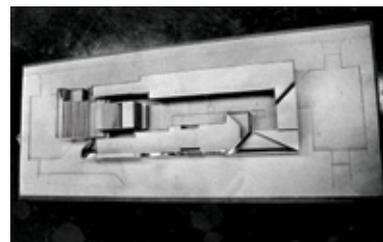
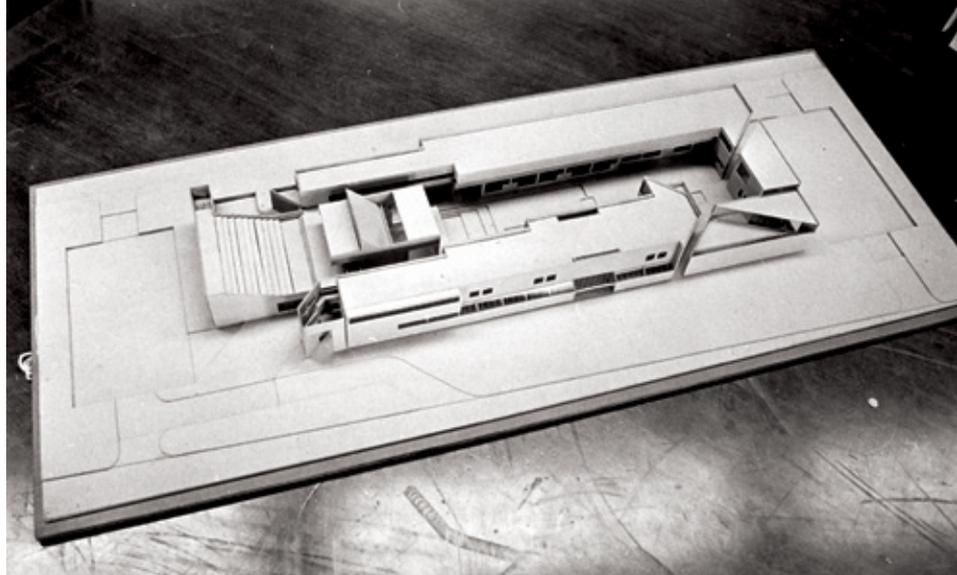
A CTJ no Setor Comercial Sul chamou a atenção da imprensa mesmo antes de ser inaugurada. Uma nota no jornal Correio Braziliense divulgou um curso de português para estrangeiros de qualquer nacionalidade, com turmas para os níveis principiante, intermediário e avançado. As aulas foram anunciadas nas futuras instalações no SCS, mas as informações ainda deveriam ser obtidas pelos interessados na secretaria da primeira sede, a da W3 Sul. Logo depois da mudança, outra nota informava a população sobre o programa de intercâmbio *Youth For Understanding*, destinado a estudantes entre 15 e 17 anos com ginásio completo e bons conhecimentos de inglês.

1973-74

CTJ

ASA SUL

▼
**Maquete da Casa Thomas Jefferson,
utilizada na construção da sede na Asa
Sul. Projeto dos arquitetos Ehrman
Mitchell e Ronaldo Giorgola**
C | Arquivo CB. D.A Press



Novamente, o sucesso e o bom nome de que fala a professora Diva Oliveira fizeram com que as instalações da Casa Thomas Jefferson no Setor Comercial Sul ficassem pequenas para a demanda crescente por turmas. “A gente sabia que a sede era provisória”, recorda-se ela. É verdade. No ano em que se mudou para o SCS, já havia um projeto concebido pelos arquitetos radicados nos Estados Unidos Ehrman Mitchell e Ronaldo Giorgola para a construção de uma sede definitiva. Na execução do projeto, a firma americana, com escritórios em Filadélfia e Nova York, contou com a colaboração dos profissionais brasileiros Alcides da Rocha Miranda e Elvin McKay Dubugras.



Dois anos depois, em fevereiro de 1973, o então governador do Distrito Federal, Hélio Prates da Silveira, lançou a pedra fundamental da nova sede, na Entrepradua 706/906 Sul, no coração da Asa Sul de Brasília. Em abril de 1974, as primeiras turmas começaram a funcionar no edifício, assim como o escritório do USIS, sua Biblioteca e a Comissão Fulbright.

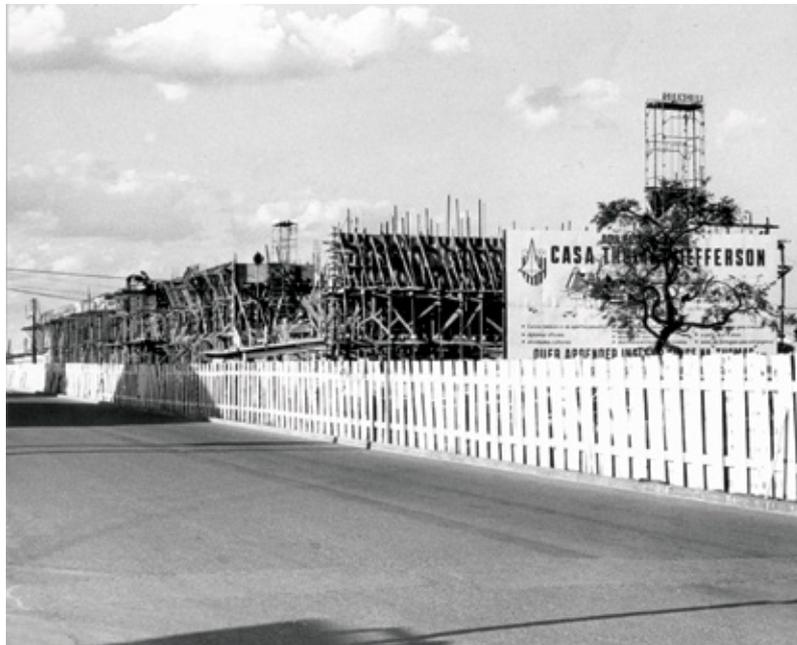


Lançamento da pedra fundamental da sede da Casa Thomas Jefferson na Asa Sul • Fevereiro de 1973

C | Arquivo CB. D.A Press

Canteiro de obras da Casa Thomas Jefferson na Asa Sul

C | Arquivo CB. D.A Press



A inauguração do prédio ocorreu em 20 de setembro de 1974. Uma cerimônia histórica e diplomática que contou com a presença do secretário-geral do Itamaraty, ministro Ramiro Saraiva Guerreiro, e do embaixador dos Estados Unidos, John Crimmins, entre outras autoridades. Uma curiosidade: a inauguração se deu enquanto caía a primeira chuva, “leve e benfazeja”, depois de um longo período de seca, como registrou, anos depois, a professora Ana Maria Assumpção - atualmente Assessora de Relações Institucionais - no jornal interno CTJ Gateway.



Inauguração da unidade Asa Sul da Casa Thomas Jefferson

C | Arquivo CB. D.A Press

Ana Maria recorda-se de todos os detalhes da cerimônia de inauguração no anfiteatro, onde cadeiras foram colocadas em todos os degraus. Uma missão do governo dos Estados Unidos veio a Brasília especialmente para a festa. Depois dos discursos dos convidados principais, foi servido um coquetel na biblioteca do USIS. A inauguração da matriz na Asa Sul também foi tema de um depoimento da professora Solange Pedroza ao CTJ Gateway:

“ As expectativas eram imensas e havia um orgulho enorme em pensar que nós também havíamos contribuído e participado para a realização desse sonho.



Público acompanha a inauguração da Casa Thomas Jefferson na Asa Sul
C | Arquivo CB. D.A Press

No dia seguinte à inauguração, o jornal *Correio Braziliense* noticiou o evento. Registrou a presença de cerca de 700 pessoas, entre elas adidos culturais dos Estados Unidos em países da América Latina, além dos adidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, bem como a doação ao Ministério das Relações Exteriores, pela embaixada americana, de uma coleção de documentos históricos microfilmados referentes ao sesquicentenário (150 anos) de relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos. O jornal também informou a abertura de duas exposições (uma de gravuras e outra de esculturas) e acrescentou que as aulas já estavam sendo ministradas no novo prédio desde o início do ano letivo. Uma foto feita no anfiteatro reuniu centenas de convidados, funcionários brasileiros e norte-americanos.



Página 5 do jornal *Correio Braziliense* do dia 19 de maio de 1971, com nota sobre exposição do artista Romanelli, na Casa Thomas Jefferson.

No mesmo dia, a coluna “Visto, Lido e Ouvido”, do jornalista Ari Cunha, também mencionou a inauguração. Eis um trecho do texto: “É a geração da semente bem plantada. Ainda me lembro dela (Thomas Jefferson) ocupando duas lojinhas de três por seis metros, no setor comercial da superquadra 106. Estes foram seus primeiros passos que foram se agigantando. Depois na W3”. Ari Cunha destaca ainda o papel da CTJ na divulgação da cultura e a amizade entre as nações.

A inauguração do prédio da W4 Sul, marco da arquitetura dos anos 70, foi registrada até fora do país. A solenidade de início oficial das atividades foi notícia também nos EUA, com a publicação de um artigo sobre o a arquitetura inovadora do prédio no *Christian Science Monitor*, jornal sediado em Boston.

Eliane Bittes se lembra que a noite da inauguração foi um momento muito especial. “Alunos, professores e funcionários estavam muito entusiasmados, porque o prédio era muito bonito e então iríamos estudar e trabalhar num ambiente adequado. A biblioteca ficou muito bonita, com muitos livros, revistas, jornais, microfílm”, diz ela, que saiu da Casa Thomas Jefferson no ano seguinte, mas mantém a ligação com a instituição, já que a filha Renata trabalha como assistente de supervisão de secretarias.

▼
Nora Novaes, funcionária da USIS Reference Library até 1991, na Casa Thomas Jefferson na Asa Sul
C | Arquivo CB. D.A Press



Os professores mais antigos recordam-se do impacto causado pela inauguração da matriz. “No Setor Comercial, tínhamos professores com níveis diferentes de formação. Na 706 Sul, os requisitos começaram a ser padronizados”, atesta Katy Cox, que relata o aperfeiçoamento do TTC (Teachers Training Course), o curso de preparação de professores, com ênfase maior em literatura e cultura americana, linguística, metodologia e psicologia da educação, entre outros temas.

Solange Pedroza se recorda que algumas modificações foram feitas no projeto original do prédio para resolver, por exemplo, problemas de segurança, já que, originalmente havia muitas entradas no edifício. Também foi preciso repensar a proteção contra as fortes chuvas de verão e reduzir o excesso de claridade nas salas de aula. “A entrega da obra foi adiada em algumas semanas, e o início de certas turmas foi protelado”, lembra ela. Assim que as dificuldades foram superadas, a mudança foi efetuada.



▼
Fachada do prédio da Casa Thomas Jefferson na Asa Sul • 1974
C | Arquivo CB. D.A Press



▼
Casa Thomas Jefferson Asa Sul • 2013

Rosely Foizer cita as discussões sobre o projeto arquitetônico da Matriz, assim como a preocupação com a segurança do prédio. “As janelas das salas de aula se abriam para um amplo jardim e pátio interno, resguardados por altas paredes e portões. Os estacionamentos laterais não eram cercados. Hesitamos um pouco sobre a funcionalidade do prédio, mas, no final, ficamos contentes, pois ele nos fazia interagir e consolidar a união”, destaca.

Ela sente saudades dos primeiros tempos no prédio da Asa Sul. Dividia um apartamento com outras cinco estudantes, sendo que três também eram professoras da Casa Thomas Jefferson. “A aula que dávamos das 8h às 10h provocava em casa uma estratégia de guerra entre nossos despertadores, uso do banheiro e da mesa de café”, diverte-se Rosely. Boa parte das conversas nessa “república”, é claro, girava em torno das atividades das professoras na CTJ.

Os professores mais novos também se encantaram com o tamanho do novo prédio. “Parecia uma universidade. As escolas de inglês na cidade eram cursos pequenos, não havia uma instituição que preparasse o aluno do início ao fim”, lembra a professora Elisa de Alencar. “Era um prédio bonito, com jardim, bem cuidado. Para o professor, era um status dar aulas na Thomas”, acrescenta ela, que começou a dar aulas enquanto fazia o curso superior de Jornalismo.

Recém-chegada, usava jaleco para se diferenciar. “Nos primeiros dias, eu entrava na sala e os alunos achavam que eu não era a professora”, diz ela, que começou a ensinar nos níveis básicos,

Fachada da recém inaugurada Casa Thomas Jefferson na Asa Sul • 1974
C | Arquivo CB. D.A Press



e, em sete anos, deu aulas para todos os níveis. Elisa lembra que era mais fácil dar aulas para os adultos, pois não havia a questão da indisciplina. Mas com as crianças, lembra ela, o professor tinha uma “resposta” mais rápida. “Eu botava os livros na mesa e esperava a turma acalmar. Os mais novos ‘testavam’ os professores na primeira semana”, recorda-se ela, que se diverte com um detalhe: ela tinha pulso firme com os alunos, mas quando a direção quis trocá-la de turma, os alunos fizeram uma espécie de “motim”.

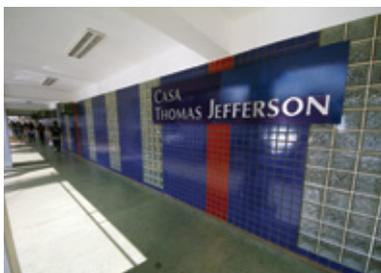
Apesar da grandeza do prédio, ainda era um tempo em que todos se conheciam. A professora Diva Oliveira fala que as turmas, principalmente pela manhã, misturavam adolescentes e adultos sem problemas de relacionamento entre eles.

Mesmo com a grandeza do prédio, ainda era um tempo em que todos se conheciam. A professora Diva Oliveira fala que as turmas, principalmente pela manhã, misturavam adolescentes e adultos, sem problemas de relacionamento entre eles.

A professora Irene Moses Aguiar, Mrs. Aguiar, é lembrada com carinho e afeto pelos professores mais antigos da Casa Thomas Jefferson. Entre os jovens e atuais mestres, alguns foram seus aluninhos e dedicados colaboradores como, por exemplo, Julia Clark. Uma futura engenheira, aluna da UnB, Alice Pacheco Reis, enquanto criança, era, também, uma auxiliar indispensável da querida mestra. Até sua aposentadoria, Mrs. Aguiar foi responsável pelo Clubinho e pelas atividades extracurriculares do Curso Infantil - hoje subdividido em vários níveis (Kids Fun, Kids, Top Kids e Junior). Com inesgotável criatividade e real paixão, ela elaborava e coordenava apresentações teatrais e musicais de seus entusiásticos pupilos, para deleite semestral de pais e avós.

O novo prédio simbolizou a solidificação da Casa Thomas Jefferson. Foi a partir da matriz da Entrequadra 706/906 Sul que a instituição conquistou a cidade, partiu para a expansão de suas instalações físicas em outros bairros de Brasília e se tornou conhecida tanto pela excelência acadêmica como por uma atividade cultural constante.

UM FAROL
PARA
BRASÍLIA



Unidades da Casa Thomas Jefferson

Asa Sul, Asa Norte, Lago Sul, Taguatinga, Sudoeste e Águas Claras (esq. p/ dir.)

Ao completar 50 anos de atividades, a Casa Thomas Jefferson tem uma estrutura que dificilmente encontra similar no Distrito Federal. Os números do início do primeiro semestre de 2013 revelam o tamanho do exército recrutado para as áreas acadêmica e administrativa. São 244 professores e estagiários na área acadêmica e 208 funcionários administrativos (incluindo também os estagiários desta área). Mais impressionante é o número de alunos: 12.161 nas unidades próprias da CTJ e 5.172 nos postos avançados, empresas, órgãos governamentais e escolas conveniadas, totalizando 17.333 estudantes.

Mesmo antes de inaugurar a Matriz na Asa Sul, o Conselho Cultural Thomas Jefferson iniciou a expansão do Centro Binacional, com a abertura de uma filial em Taguatinga a fim de proporcionar, segundo consta na Ata de reunião da diretoria em 26 de abril de 1971, “benefícios culturais à comunidade estudiosa daquela cidade satélite”. Hoje há mais quatro unidades: Asa Norte, Lago Sul, Sudoeste e Águas Claras. O tamanho não interfere na qualidade do ensino. “Em outras cidades, em escolas grandes, muitos professores não se conhecem devido à diversidade de horários. Aqui, em razão da organização frequente de seminários, “workshops” e eventos socioculturais, dos quais todos participam, os relacionamentos ocorrem com naturalidade”, explica Lucia Santos, a diretora da Thomas.

Ela destaca a unidade entre as filiais: “É a mesma equipe”. Literalmente, boa parte dos professores se reveza entre filiais e postos avançados. É a mesma sensação do coordenador acadêmico da filial Asa Norte, Claudio Azevedo: “A personalidade de cada unidade pode ter determinadas características, mas a essência é a mesma. Um dos grandes sucessos da Thomas é ter uniformidade”.



Malls das unidades de Águas Claras, Taguatinga e Asa Norte

A evolução da CTJ é vista também por quem já esteve à frente da instituição. É o caso do ex-diretor John Dwyer, diplomata norte-americano e notável intelectual que servira, anteriormente, no México e na Venezuela, além de três temporadas no Brasil. Foi diretor da Casa Thomas Jefferson entre 1987 e 1988. “Foi o melhor ano da minha carreira diplomática”, salienta ele em um texto sobre a instituição escrito alguns anos depois de seu período na direção.

No mesmo texto, Dwyer ressalta a preparação de professores e o serviço de aconselhamento de alunos, além do pioneirismo na introdução de tecnologia em sala de aula e no currículo de ensino da língua inglesa. “Nada pode substituir a alegria, o dinamismo, o espírito e a iniciativa que me vêm à mente quando penso na Casa Thomas Jefferson”, escreve o diplomata, que destaca os benefícios que a CTJ traz à comunidade de Brasília. “A Casa Thomas Jefferson é hoje um farol de ensino da língua e de atividades culturais e intelectuais para Brasília”. John Dwyer aposentou-se do serviço diplomático como ministro conselheiro da Embaixada dos Estados Unidos em Roma em 2006, tendo deixado, no entanto, grandes amigos no Brasil.

Do ponto de vista arquitetônico, as filiais diferem entre si, mas guardam certas características comuns. Todas têm uma biblioteca, com tamanhos variados de acordo com a estrutura da unidade e, também, o M.A.L.L. (Multimídia Access Language Lab), uma sala com computadores, onde o estudante complementa as atividades desenvolvidas em sala de aula. De resto, cada unidade se adapta ao perfil da cidade ou do bairro onde está instalada e, principalmente, ao perfil da população a que ela vai servir.

TAGUATINGA



Centro Comercial de Taguatinga • 1964
C | Arquivo Público do Distrito Federal



As primeiras instalações da filial de Taguatinga, inauguradas em 1971, ficavam em um prédio no centro da cidade, perto da Praça do Relógio. Eram poucas salas e uma secretaria, e Rosely Foizer, uma das primeiras professoras, dividia as atividades acadêmicas com Maria José Gomes: uma se encarregava do turno diurno e a outra era responsável pelo período noturno.

“Eu chegava às 18h com a chave do prédio, dava minhas aulas e, às 22h, ao final, me certificava de que estava tudo desligado, fechava todas as portas e partia para pegar meus ônibus de volta ao Plano Piloto”, conta ela, que ainda se lembra da escada estreita que enfrentava todos os dias para chegar às salas de aula. Ela diz que a entrada dava diretamente para a rua.

Em pouco tempo, a unidade foi transferida para outro prédio, também no centro de Taguatinga, com melhor estrutura. “A inauguração da filial de Taguatinga foi um passo importante para a Thomas se tornar conhecida”, afirma a professora Solange Pedroza, que acompanhou os primeiros tempos da insti-

tuição. Ela lembra que, pouco a pouco, novas salas iam sendo incorporadas à filial.

Há 18 anos, a filial de Taguatinga ocupa parte de um prédio no Pistão Sul, uma avenida movimentada da cidade. A unidade tem algumas características particulares: vários alunos já frequentaram outras escolas de inglês antes de chegar à Thomas e a maioria dos adultos trabalha no sábado pela manhã. O taguatinguense é muito empreendedor e por causa disso, o sábado à tarde é um dos horários mais movimentados da filial.

O clima de proximidade não se restringe a professores e funcionários da unidade de Taguatinga: como é a filial mais antiga, há alunos da quarta ou da quinta geração da mesma família. É notável o clima de respeito e entendimento entre familiares e a equipe da filial e os alunos são dedicados, demonstrando admirável senso de responsabilidade”. A competente professora Vânia Rodrigues assumiu em fevereiro a coordenação acadêmica da unidade.

ÁGUAS
CLARAS



A apenas poucos quilômetros da filial de Taguatinga fica a “irmã mais nova” da turma. A unidade de Águas Claras foi inaugurada em janeiro de 2010. A coordenadora acadêmica Keila Torres relata que, em 1998, o Conselho Cultural já havia, por meio de uma licitação pública, adquirido dois terrenos em Águas Claras. Todos os membros e a direção estavam convencidos de que a expansão da cidade seria rápida e irreversível.

Com quase quatro mil metros quadrados de área construída e vinte e uma salas de aula, a filial mais nova da CTJ ocupa os dois primeiros andares de um prédio residencial que fica próximo à estação de metrô Arniqueiras e, em apenas três anos, já tem quatro vezes mais alunos do que no primeiro semestre de atividades. “Foi um crescimento rápido porque o bairro também cresce célere”, afirma Keila. Temos numerosas turmas formadas por crianças,

porque Águas Claras é um bairro constituído em boa parte por pessoas jovens. “Numerosas crianças vêm a pé, acompanhadas de babás ou das avós”. Muitos dos pais optam por aulas aos sábados de manhã. Ao mesmo tempo, acompanham a evolução da escola e a abertura de turmas mais avançadas.

A filial reproduz todas as atividades das outras unidades, especialmente adaptadas ao perfil de Águas Claras. Da escola enfeitada na época de Halloween a festas de Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Criança. “Organizamos várias atividades lúdicas, que atraem o irmão do aluno, o vizinho do prédio”, conta Keila. A Sala de Múltiplo Uso (auditório) já recebeu até apresentações de dança e sapateado. “A Casa Thomas Jefferson já é um espaço incorporado ao espírito e à vida cultural da cidade”, reitera, com orgulho, a coordenadora acadêmica.

ASA
SUL

Como estão abrigadas no mesmo prédio, a matriz e a filial da Asa Sul têm atividades que, aos olhos do leigo, se confundem. “Recentemente foi edificado um módulo anexo ao prédio principal, onde funciona a superintendência administrativo-financeira da escola e seus vários departamentos”, afirma Elizabeth Rabelo, há 30 anos trabalhando na Casa e atualmente coordenadora acadêmica da Asa Sul.

Elizabeth observa uma divisão nítida no perfil do aluno dependendo do horário. As turmas para alunos a partir dos 15 anos são ministradas pela manhã, à tarde, à noite e aos sábados. No horário vespertino, predominam os adolescentes de 13 a 15 anos. Adultos também gostam dos primeiros horários do dia. Mas assim como em outras filiais, o horário das 14h às 16h exige a dedicação de 100% dos professores e supervisores.

Outra característica de uma das unidades mais antigas da Casa Thomas Jefferson é a sucessão de gerações da mesma família como alunos. Beth Rabelo diz que muitos pais e avós retornam à Casa, identificam-se e contam suas experiências, lembrando antigos professores e funcionários.

Os alunos que iniciaram o ano letivo de 2013 na filial da Asa Sul se depararam com uma reforma gigantesca. Um elevador foi instalado para atender as pessoas com necessidades especiais, foi construída uma passarela de acesso à Coordenação Acadêmica, bem como uma varanda semicoberta para os professores. A reforma também beneficiou e expandiu a biblioteca. As fachadas externa e interna do prédio foram pintadas com a cor original do edifício, resgatando, assim, a fonte de inspiração do arquiteto Giurgola: o solo virgem do cerrado. A renovação incluiu a troca do piso externo e outras áreas. Em breve, o auditório será inteiramente reformado.

Ser uma das unidades mais antigas também traz vantagens, segundo a coordenadora acadêmica. “Temos muitos colegas que se tornaram supervisores de cursos ou estão em função de confiança na área acadêmica”, lembra ela, destacando a especialização desses profissionais, com Mestrados ou Doutorados.



“ Temos uma equipe competente e homogênea que compartilha não somente a expertise na área acadêmica, mas também carrega muito da história da Thomas em seus corações.

LAGO
SUL



Desde o final de década de 80, o Lago Sul, área nobre de Brasília, conta com uma filial da Casa Thomas Jefferson. A unidade funcionou durante alguns anos em salas alugadas em uma área comercial do bairro. Em 1991, quando era diretora Kathleen Davis, ocorreu a mudança definitiva para as instalações na SHIS QI 9 Bloco L. Além de abrigar o *Information Resource Center (IRC)*, vinculado à Embaixada dos Estados Unidos, e o escritório da Comissão Fulbright, a filial tem biblioteca própria, com um rico acervo disponível para todas as faixas etárias.

“A unidade oferece todos os cursos regulares e alguns especiais”, conta a coordenadora acadêmica, Denise de Felice.

“ Muitos alunos viajam com frequência e vivenciam outras culturas.

, afirma Denise. Boa parte do grupo de alunos é formada por adolescentes. Além do Lago Sul, a escola atende a clientela do Núcleo Bandeirante, Guará e Park Way.

Os alunos que têm a oportunidade de residir

no exterior e estudar inglês nos Estados Unidos retornam à escola e transmitem o feedback desta experiência. “Ao iniciarem o programa de intercâmbio, reconhecem como foram importantes os anos de estudos na Thomas”, revela a coordenadora. O Lago Sul também é uma filial onde várias gerações de famílias estudaram e dela guardam boas lembranças.

Projetado pelo conhecido arquiteto e professor José Galbinski, o prédio tem detalhes interessantes: uma grande área de jardim; painéis de vidros que facilitam a entrada da claridade nos ambientes; um amplo pátio interno com um espelho d’água; biblioteca para alunos que se abre para uma “praça da meditação” com mesas e bancos de pedra. Recentemente, a escola inaugurou um prédio específico, com salas adaptadas para os cursos infantis. O clima aconchegante, no entanto, não se restringe à estrutura física. “Há uma interação muito grande entre os funcionários”, afirma Denise. “A integração com pais e alunos também se dá em meio a variadas atividades extracurriculares e, especialmente, nas cerimônias de formatura dos estudantes. Os pais ficam felizes ao verem o resultado dos esforços feitos por eles e seus filhos”, observa ela.

ASA
NORTE



A proximidade do campus principal da Universidade de Brasília (UnB) é uma das peculiaridades da filial da Casa Thomas Jefferson da Asa Norte. A influência é nítida tanto no perfil dos estudantes quanto no interesse dos frequentadores da biblioteca. “O público adulto é mais jovem”, afirma o coordenador acadêmico Cláudio Azevedo. Mas nem sempre foi assim – a unidade nasceu em 1983 em uma sobreloja de uma área comercial do bairro, a avenida W4. Neste primeiro prédio, a CTJ ocupava o subsolo, o andar térreo e a sobreloja, com sete salas. Cinco anos depois a unidade foi transferida para outro edifício, na 508 Norte, com a capacidade aumentada para 20 salas. Em agosto de 1997, a sede definitiva da Asa Norte foi inaugurada após a aquisição, em 1995, de um terreno na quadra 606 da L2 Norte e edificação em menos de dois anos do projeto dos arquitetos Max Amaral e Paulo Lana, vencedores de um concurso realizado pelo Conselho Cultural Thomas Jefferson.

É a maior unidade em termos de espaço físico, situada em meio a uma aprazível área de jardins com exuberante vegetação. O coordenador acadêmico, Cláudio Azevedo,

conta com o incansável apoio de dois coordenadores adjuntos. Uma assessora executiva é responsável pela supervisão do complexo setor administrativo.

O *Educational Advising Office (EAO)*, escritório de consultas educacionais para estudos nos Estados Unidos, está instalado na unidade da Asa Norte. Trata-se de um braço permanente do programa *Education USA*, uma rede global de mais de 450 escritórios em vários continentes, filiados ao Departamento de Estado. O escritório é a fonte oficial de informação e orientação sobre estudos nos Estados Unidos.

O auditório da Asa Norte, com 240 lugares, recebeu, em 2012, todas as numerosas edições da programação cultural Sextas Musicais. Como são variadas as solicitações de uso por outras instituições, a coordenação da unidade, na medida do possível, procura atender aos pedidos, priorizando sempre as propostas educacionais. A biblioteca é frequentada não só pelos alunos como por toda a comunidade, principalmente alunos da UnB que estudam e fazem pesquisas utilizando o vasto e diversificado acervo da biblioteca.

SUDOESTE



A coordenadora acadêmica da unidade, professora Marta Diniz Resende, relata que, com a expansão de Brasília, o Conselho Cultural Thomas Jefferson decidiu abrir uma unidade no novo bairro, Sudoeste. A primeira filial, inaugurada no ano 2000, com dez salas de aula, biblioteca, sala de professores e secretaria foi instalada em um prédio comercial na SCLSW 504. Quatro anos e meio depois, quando a unidade já tinha 1.200 alunos matriculados, ganhou uma sede própria em belo edifício projetado pelo arquiteto Luiz Antonio Almeida Reis, que transformou em realidade, com sensibilidade e talento, as especificações da Thomas Jefferson.

São trinta amplas salas de aula e mais duas especialmente planejadas para acolher crianças entre 4 e 6 anos de idade. O estacionamento amplo na frente do prédio resolve um dos maiores problemas de Brasília. Parte dos professores tem acesso, inclusive, a um estacionamento coberto, no subsolo do edifício.

A coordenadora afirma que a unidade tem mais alunos do curso Junior (crianças menores) do que qualquer outra filial. Sabendo de antemão desta demanda, a direção da Casa, em reuniões prévias com o arquiteto responsável recomendou que constasse de seu projeto a criação de áreas especiais para crianças. Antes da inauguração do novo prédio do Sudoeste, o curso Junior exigia dos alunos a idade mínima de oito anos. “Como havia grande interesse pelo ensino de inglês para crianças a partir de quatro anos de idade, foram abertas, com enorme sucesso, duas turmas de Kids para os pequenos”, lembra Marta.

Muitas crianças chegam à escola de van ou com as babás. Muitas avós vão à filial buscar os netos – a coordenadora percebe que há várias gerações da mesma família morando no bairro, uma tendência para superar as dificuldades de locomoção.



O período mais concorrido da filial é a manhã de sábado, com 24 turmas. “Muitos dos alunos cursam faculdade durante a semana, escolhem o sábado por falta de opção e acabam gostando”, informa Marta Diniz. Quem passar por lá nesse dia vai perceber um clima de descontração e alegria. Além da clientela do próprio Sudoeste, a unidade atrai estudantes do Cruzeiro, Guará e Taguatinga.

“ A expansão da Casa Thomas Jefferson foi feita ao longo de muitos anos com critério e cautela, e é possível que no futuro outra unidade venha a ser aberta

, diz o presidente do Conselho Cultural, David Fleischer, citando áreas em desenvolvimento como o Setor Noroeste e as cidades de Sobradinho e Planaltina. O Distrito Federal, cuja população cresceu 25% nos últimos dez anos, tornou-se o quarto município mais populoso do país, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. O superintendente administrativo e financeiro, Carlos Sampaio, afirma que a prioridade da instituição é a manutenção da qualidade, pois o crescimento deve ser ordenado e paulatino.

POSTOS AVANÇADOS

A partir da última década, as escolas regulares aumentaram seu interesse pelo ensino da língua inglesa, e a Casa Thomas Jefferson passou a ser procurada por instituições educacionais interessadas em aumentar o turno de aulas dos alunos. “Foi o início do estabelecimento da parceria com as escolas privadas aproveitando um horário ocioso no final da manhã”, explica a coordenadora de projetos especiais, Paula Pacheco.

Como esse modelo, no entanto, não atendia a todas as escolas, surgiram os postos avançados. O projeto consistiu na montagem de unidades da CTJ dentro dos colégios, no contraturno das aulas regulares.

“ O aluno permanece na escola ou vai para casa, almoça e retorna mais tarde. Para os pais, às vezes, é mais conveniente a permanência na escola

, afirma a coordenadora, “pois assim são reduzidos os deslocamentos dos filhos face ao trânsito intenso da cidade”.

O objetivo principal é garantir, nos postos, a qualidade de serviço das filiais. Os professores contam com os mesmos recursos tecnológicos e o mesmo material didático. Os alunos têm acesso a todos os eventos da Thomas. Frequentemente é feita a medição de alguns indicadores, como índices de aprovação e notas, para atestar a qualidade do serviço nos postos. Os resultados são discutidos pelos coordenadores e supervisores em frequentes reuniões.

EMPRESAS

Outra frente de trabalho da Casa Thomas Jefferson são os chamados cursos em agências do governo e empresas privadas. O sistema de aulas para empresas ou para o serviço público é misto: são oferecidas turmas fechadas para os servidores de um órgão ou para os profissionais de uma empresa. A inserção desses alunos também pode ser feita em turmas convencionais nas filiais. Nas turmas fechadas, muitas vezes os funcionários aproveitam o horário de almoço ou o período imediatamente após o fim do expediente. A supervisora dos cursos corporativos, professora Clarice Pereira, executa seu trabalho com impecável zelo organizacional por causa da diversidade dos clientes e suas necessidades específicas.

Recomendações especiais são dadas aos professores. A professora Solange Pedroza, com experiência nas turmas de inglês corporativo, comenta que, geralmente, como todos os alunos de um órgão ou empresa já se conhecem previamente, é importante motivá-los, vencer as inibições de alguns e criar um clima de colaboração e participação produtiva.

Nos primeiros anos de seu funcionamento, a Casa Thomas Jefferson teve como diretora Frances Switt que, posteriormente, ingressou no serviço diplomático. Após estudos na Sorbonne e Yale, ela chegou ao Brasil em 1962 e deu aulas na Escola Americana do Rio de Janeiro até ser convidada a mudar-se para Brasília e assumir a direção da Thomas Jefferson. Mais tarde, ingressou na carreira diplomática e, entre os anos de 1970 e 1995, serviu em Paris, Porto Príncipe, duas vezes em Brasília e em Buenos Aires, seu último posto. Foi agraciada com o título de cidadã honorária de Salvador em virtude da ligação de profundo afeto com o país, a arte brasileira e, especialmente, a comunidade baiana.

Para supervisionar a estrutura da Casa Thomas Jefferson, existe, desde 1970, um órgão deliberativo que dá o aval para decisões tomadas nas áreas administrativa, acadêmica, cultural e social. É o Conselho Cultural, composto por cidadãos que desempenham um papel relevante na comunidade, contribuindo, fundamentalmente, em seus diversos setores de atuação para o desenvolvimento da cidade.



São profissionais liberais, professores universitários e acadêmicos envolvidos com a cultura, a língua inglesa e a sociedade americana

, informa a professora Clélia Capanema, que já foi presidente. A participação não remunerada de todos é voluntária.

Visitando o passado, registrou-se que, no dia 25 de agosto de 1970, foi oficializada a instituição do Conselho Cultural Thomas Jefferson, registrada em cartório por seus sócios fundadores. Foi assim constituída a primeira diretoria para o período administrativo que se encerraria em 31 de dezembro de 1971: Presidente: Donald Devanny, diretor da Escola Americana de Brasília; Caroline Millet, Vice-Presidente; Wendell Biggers e Jeanne Stoke diretores conselheiros. Em 26 de abril de 1971, foi aprovada a abertura de uma unidade da Casa Thomas Jefferson em Taguatinga no edifício Doris. Naquela ocasião era diretor do Programa Acadêmico da Thomas James Lowell McMasters. Harold Midkiff, diplomata aposentado, em virtude da transferência de Jeanne Stoker para os Estados Unidos, assumiu seu cargo na diretoria do Conselho e, posteriormente, foi indicado como vice-presidente do Conselho em 21 de junho de 1977. Em setembro de 1978, era coordenadora de Cursos da Casa Thomas Jefferson Gail Ogawa e diretora executiva da Casa a diplomata Kathleen Schloeder. Ao expirar o contrato da senhora Ogawa, foi contratada, para substituí-la, em maio de 1979, por um período de dois anos, Lynn Reer, com um mestrado em EFL (English as a Foreign Language) e residente nos Estados

Unidos. Em junho do mesmo ano, foi decidida pelo Conselho a criação de mais uma filial no Lago Sul, na QI 9, Bloco C, Lojas 1 a 8.

Em agosto de 1979, efetivada a remoção da diretora da Thomas Jefferson, Kathleen Schloeder, para outro posto, ela foi substituída por Bárbara Scarlett. Em 1980, foi eleito Harold Midkiff para presidente do Conselho; David Fleischer secretário-tesoureiro; e Asta Rose Alcaide e Alexandre Seabra como sócios.

Harold Midkiff, um cidadão norte-americano que passou mais da metade de sua vida no Brasil, ocupa um lugar de honroso destaque na história da Casa Thomas Jefferson. Chegou ao Paraná ainda criança com seus pais missionários e lá viveu até os quatorze anos de idade. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu quatro anos no Rio de Janeiro como oficial de ligação entre a Marinha dos Estados Unidos e a Marinha e a Força Aérea brasileiras. Anos mais tarde, foi cônsul em Salvador e no Rio de Janeiro. Em 1968, ao deixar o serviço diplomático, trabalhou inicialmente para a USAID e depois na Comissão Fulbright como diretor-adjunto. Em entrevista ao CTJ Gateway, boletim da Thomas, disse ele:

"Nessa pequena jangada em que vivemos, é necessário que nos entendamos melhor e resolvamos nossos problemas sem recorrer à violência ou ao exercício do domínio."

Mr. Midkiff, o epíteto do gentleman, ágil tenista e golfista aos 80 anos de idade, deixou a Casa um pouco órfã após seu regresso definitivo aos Estados Unidos, onde veio a falecer.

Desde sua criação, em 1970, o Estatuto do Conselho Cultural Thomas Jefferson sofreu algumas alterações. O Conselho é formado pela Assembleia Geral, pelo Conselho Diretor e pelo Conselho Fiscal. O Conselho Diretor tem 11 membros associados, eleitos em Assembleia Geral, com mandatos de quatro anos, sendo permitida uma reeleição. O diretor executivo da CTJ participa das reuniões do Conselho Diretor, sem direito a voto. O Conselho Diretor é constituído pelo presidente, vice-presidente, secretário-tesoureiro e oito conselheiros. Entre as atribuições do Conselho Diretor está a designação ou contratação do Diretor Executivo da Casa Thomas Jefferson. Pelo Estatuto do Conselho Cultural, o Conselho Diretor deve se reunir no mínimo quatro vezes por ano, mas reuniões extraordinárias podem ser convocadas.

Da Assembleia Geral participam, além dos integrantes do Conselho Diretor, membros associados, por tempo indeterminado. Paulatinamente, os sócios podem assumir cargos no Conselho Diretor. As Assembleias Gerais, segundo o Estatuto do CCTJ, acontecem ao final de cada semestre, mas também há espaço para reuniões extraordinárias. Como acontece no Conselho Diretor, o diretor-executivo da Casa participa das Assembleias Gerais, mas sem direito a voto.

Os assuntos examinados pelo Conselho Cultural e apresentados pela Direção Executiva, Superintendência Acadêmica e Administrativa, são diversificados: planejamento estratégico, política salarial, reformas de prédios, programação cultural, etc.

Ana Maria Assumpção, ex-diretora e atualmente assessora de Relações Institucionais, afirma que o Conselho sempre depositou total confiança na direção da Casa e tem entre seus componentes duas ex-alunas, profissionais de imenso valor.

Três sócios que não integram o Conselho Diretor são escolhidos para compor o Conselho Fiscal, que tem a função específica de examinar, periodicamente, as contas da instituição. De acordo com o estatuto, pelo menos um dos membros efetivos do Conselho Fiscal deve ter habilitação em Economia, Administração, Auditoria ou Contabilidade. Os integrantes do Conselho Fiscal também têm mandato de quatro anos, renovável por mais um período. As reuniões regulares ocorrem duas vezes por ano, mas encontros extras podem ser convocados pelo Conselho Diretor.

O superintendente administrativo financeiro, Carlos Roberto Sampaio, lembra que, além do exame do Conselho Fiscal, as contas passam por uma auditoria externa. Outra integrante do Conselho Cultural, a produtora cultural Asta Rose Alcaide, elogia o sistema de prestação de contas.

“

Tudo é muito claro e analisado escrupulosamente. Isso nos transmite uma confiança muito grande

, ressalta ela.

David Fleischer reitera a importância desse exame minucioso nas contas, já que a Casa Thomas Jefferson é uma instituição sem fins lucrativos. A única fonte de recursos são as mensalidades pagas pelos alunos. A contrapartida é a concessão de centenas de bolsas de estudo, a promoção de cursos gratuitos para professores da rede pública de ensino e ações sociais que contemplam estudantes economicamente menos favorecidos.

O presidente explica que recursos depositados em um fundo de reserva são utilizados para a modernização dos prédios, a manutenção da parte física e a aquisição de novos equipamentos. Por isso, o objetivo é sempre equilibrar receita e despesas.

O trabalho no Conselho Cultural, segundo Clélia Capanema, cidadã honorária de Brasília, é muito prazeroso.



A Casa é tão bem conduzida que não nos traz problemas e, por isso, não é preciso um mediador de conflitos

, diz ela, referindo-se aos seus dois mandatos como presidente. “Existe uma unidade de pensamento entre os conselheiros, que entendem os objetivos da Casa”, completa. Ela ressalta que ser integrante do conselho é uma função que dá prestígio social e acadêmico pois a informação é inserida no currículo Lattes”, fazendo referência à base de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que mostra a vida acadêmica de professores e pesquisadores.

Integrante do Conselho há longo tempo e presidente nos últimos oito anos – até 31 de dezembro de 2012 – Elinor Moren diz que o exercício do mandato foi uma experiência de vida muito rica para ela, e destaca, no trabalho da Casa Thomas Jefferson, a busca incessante pela excelência e a dedicação extremada dos funcionários. “Eles vestem a camisa da instituição”, comenta. Elinor lembra que no passado mais remoto a Casa era bem menor e, portanto, os assuntos tratados pelo Conselho eram menos complexos. Elinor Watson Moren e seu esposo, destemidos pioneiros, foram agraciados com o título de Cidadãos Honorários de Brasília por causa da contribuição efetuada por ambos para o desenvolvimento da cidade, no campo social e na medicina.

A relação entre o Conselho Cultural e as demais instâncias da Casa Thomas Jefferson é a melhor possível. Elinor Moren destaca o papel da assessora de Relações Institucionais, Ana Maria Assumpção, enquanto diretora por 15 anos, na manutenção da qualidade e da excelência da instituição. Clélia Capanema lembra a parceria de longos anos na área cultural de Ana Maria com o produtor sociocultural Luiz Carlos Costa.

A produtora cultural Asta Rose Alcaide, vice-presidente do Conselho por quatro anos e, também, cidadã honorária de Brasília, contribuiu fundamentalmente para a vida cultural e musical da cidade, elaborando numerosos projetos artísticos desde sua chegada à cidade em 1975 após longos anos vivendo em Portugal. Diz ela que sempre se impressionou com a eficiência do sistema de concessão de bolsas de estudos por parte da Thomas Jefferson. Ela também elogia a relação entre o conselho e a instituição.

O Conselho Cultural também acompanha de perto as atividades culturais da Casa. Asta Rose destaca, como membro do conselho, a excelência dessas atividades. “Algumas embaixadas solicitam o uso das instalações da Thomas Jefferson para determinados espe-

táculos musicais”, lembra ela, reiterando a importância do calendário cultural constante e a qualidade da programação.

O presidente atual, David Fleischer, está no conselho desde os anos 80 e iniciou em janeiro o terceiro mandato não consecutivo no posto. Ele lembra que, nas outras gestões, como comandante do grupo, envolveu-se em assuntos tão distintos como, por exemplo, a negociação com a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) visando a aquisição do terreno para a filial do Lago Sul, tratada com o então governador José Aparecido de Oliveira, e a estratégia para a informatização da instituição. O professor David Fleischer ressalta, com orgulho, a importância da Casa Thomas Jefferson entre os centros binacionais país a fora – e lembra que sua ligação com o universo Thomas Jefferson extrapola os limites do Conselho, já que seus dois filhos, que gozam de prestígio no meio acadêmico, foram alunos da Casa.

COMPOSIÇÃO DO CONSELHO CULTURAL THOMAS JEFFERSON

<i>Presidente</i>	David Verge Fleischer
<i>Vice-presidente</i>	Elizabeth Daniel de Almeida
<i>Secretária Tesoureira</i>	Vera Maria da Costa Manso Mussi
<i>Conselheiros</i>	Clélia de Freitas Capanema
	Maria de Fátima Guerra de Sousa
	Maria Cristina Teixeira Stevens
	Asta Rose Jordan Alcaide
	Luiz Valcov Loureiro Diretor da Comissão Fulbright
	Susan T. Bell Adida Cultural da Embaixada dos Estados Unidos
	Donald Sawyer
	Elinor Watson Moren
<i>Conselho Fiscal</i>	Antonio Lopes da Encarnação
	Marcio Villas Boas
<i>Sócios</i>	Maria Inês Fontenelle
	Eunice Soriano de Alencar
	Angela Silveira Banhos

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS

Há duas vagas permanentes no Conselho Cultural da Casa Thomas Jefferson: uma para o adido cultural da Embaixada dos Estados Unidos e outra para o diretor da Comissão Fulbright. Eles são membros natos, mas não podem ser eleitos para os cargos de direção do conselho, constituindo uma ligação permanente entre a Thomas e a representação diplomática norte-americana.

Este vínculo, aliás, está expresso no artigo 7º do Estatuto do Conselho Cultural: “O CCTJ tem como finalidade básica promover o entendimento e aproximação entre os povos do Brasil e dos Estados Unidos da América”. O estatuto recomenda atividades educacionais e culturais a fim de cumprir esta finalidade: cursos, conferências, seminários, concertos, etc. Em uma via de mão dupla, o objetivo, segundo o texto do estatuto, é difundir a língua, a cultura, a história e o pensamento da sociedade americana no Brasil e da sociedade brasileira nos Estados Unidos.

Basta rever a história da CTJ para perceber que a relação da instituição com o governo dos Estados Unidos vai muito além desses postos no conselho e das recomendações do estatuto. São 50 anos de atividades conjuntas. Até outubro de 1997, por exemplo, todos os diretores da Thomas Jefferson eram norte-americanos, adidos culturais adjuntos da Embaixada dos Estados Unidos. A última dirigente da Thomas, Maura Keniston, transferida de Harare, capital do Zimbábue, para Brasília, foi substituída por Ana Maria Assumpção, primeira diretora brasileira, nomeada pelo conselho em outubro de 1997, permanecendo nesta posição até 1 de agosto de 2012.

DIRETORES AMERICANOS DA CASA THOMAS JEFFERSON

1) Todos os diretores americanos da Casa Thomas Jefferson entre 1974 e 1997 eram, também, adidos culturais adjuntos da Embaixada dos Estados Unidos. Além do cargo como diretores da CTJ, participavam de projetos culturais e educacionais específicos da Embaixada Americana sob a responsabilidade do USIS (Serviço de Divulgação e Relações Culturais da Embaixada dos Estados Unidos). Antes da inauguração do prédio da Asa Sul, entre 1963 e 1974, a CTJ teve coordenadores acadêmicos americanos, subordinados aos diretores do Conselho Cultural e aos adidos culturais da embaixada lotados na missão diplomática.

2) Após a assinatura do Foreign Affairs Reform and Restructuring Act pelo presidente Bill Clinton em outubro de 1998, e sua implantação, em outubro de 1999, extinguindo a USIA (United States Information Agency), todos os funcionários da Agência foram absorvidos pelo Departamento de Estado. Como não mais haveria a remoção de um diplomata americano para exercer a função de diretor da CTJ, Ana Maria Assumpção foi convidada a assumir o cargo em setembro de 1997.

Lester Velez	1974 • Inauguração da CTJ Asa Sul Matríz
Linda Buggeln	1975 • 1977
Kathleen Schloeder	1977 • 1979
Bárbara A. H. Scarlett	1979 • 1981
Dotti Jones	1981 • 1984
Maureen Taylor	1985 • 1986
John P. Dwyer	1987 • 1988
Kathleen R. Davis	1988 • 1991
Laurie Weitzenkorn	1991 • 1994
Maura Keniston	1995 • 1997

Nos primeiros anos anteriores à existência do Conselho Cultural, a presença da representação diplomática na Casa Thomas Jefferson era maior. A professora Solange Pedroza lembra-se que, ao ser contratada, nos anos 60, foi entrevistada por uma funcionária do Departamento de Estado norte-americano. Após a criação do Conselho Cultural Thomas Jefferson, em 1970, a Casa tornou-se uma associação civil sem fins lucrativos de direito privado, com autonomia administrativa e financeira, regida pela legislação brasileira, com personalidade jurídica própria.

Quando da inauguração da primeira sede da Casa Thomas Jefferson, na W3 Sul, a instituição compartilhou espaço físico com a seção cultural da embaixada, pois lá estavam instaladas uma biblioteca, filмотeca e o escritório da USIS. Após a mudança da Thomas para o edifício Bandeirantes, no Setor Comercial Sul, parte do espaço foi ocupado pelos escritórios da United States Agency for International Development (USAID), órgão ligado ao governo norte-americano responsável por políticas de assistência ao desenvolvimento. Na Matriz, Asa Sul, funcionou até 1991 o escritório da Comissão Fulbright, criada em 1946 pelo governo norte-americano com o objetivo de promover o intercâmbio educacional e de conhecimentos entre os Estados Unidos e outros países. Atualmente, os programas da Comissão Fulbright são oferecidos em 155 nações. Quarenta e três ex-alunos de seus programas, oriundos de diversos países, receberam um prêmio Nobel.



Na unidade da Casa Thomas Jefferson do Lago Sul, funcionam atualmente os escritórios da Comissão Fulbright e o Information Resource Center. O Information Resource Center (IRC) é um centro de informações e pesquisas vinculado à embaixada americana, ao qual a comunidade tem livre ingresso. O centro contém textos e volumes sobre as relações entre os dois países, a legislação norte-americana, finanças, economia, comércio exterior, processos democráticos, meio ambiente e outros temas, acessíveis por meios eletrônicos ou impressos.



Escritórios da Comissão Fulbright e Information Resource Center (IRC) na Casa Thomas Jefferson, no Lago Sul

Mesmo com tantos laços estreitos, as duas instituições são completamente independentes. Ao contrário do que pensam algumas pessoas, a Casa Thomas Jefferson não é subordinada à embaixada e não depende dela para sua sobrevivência financeira. De acordo com o superintendente administrativo financeiro Carlos Sampaio, a Thomas dá suporte a determinadas atividades culturais da embaixada. A embaixada, por sua vez, estabelece parcerias com a Thomas em projetos educacionais e culturais de responsabilidade social.

A relação cultural depende das diretrizes do governo dos Estados Unidos. A Assessora de Relações Institucionais, Ana Maria Assumpção, ressalta que em 2008 com a posse do presidente Barak Obama, a relevância do papel desempenhado pelos Centros Binacionais (BNCs) ganhou novo ímpeto. Em agosto do mesmo ano, diretores dos BNCs do continente, entre eles numerosos brasileiros, participaram de uma reunião em Washington D.C. com adidos culturais de países da América Latina e representantes da área de diplomacia pública do Departamento de estado. O lema do encontro “Relaunching the Partnership” (Relançando

a Parceria) reforçou as relações com os Centros Binacionais por meio da implantação de novos projetos, reconhecendo, assim, a valiosa contribuição efetuada ao longo de décadas para o intercâmbio entre as duas nações.

A professora Katy Cox relembra palestras sobre literatura e história norte-americana realizadas ainda nas instalações da Thomas no Setor Comercial Sul, no início dos anos 70. Na mesma década, a professora Elisa de Alencar se recorda dos seminários com professores trazidos dos Estados Unidos, que duravam duas semanas.

“ Um programa também enviava professores dos Centros Binacionais para cursos de verão nos EUA.

, acrescenta Elisa, que não chegou a participar destas viagens de intercâmbio profissional.

De acordo com Asta Rose Alcaide, que trabalhou na Seção Cultural da embaixada, por um longo período de tempo, alguns setores da referida área ocuparam, provisoriamente, parte do andar térreo do prédio da Matriz, na 706/906 Sul devido a uma reforma na chancelaria. Ela mesma, como assessora do setor, encarregou-se, durante algum tempo, da programação cultural da Thomas Jefferson logo após a inauguração do novo prédio.

▼
Election Night • 2012
Tradicional parceria entre a Embaixada dos Estados Unidos e a Casa Thomas Jefferson
C | Arquivo CTJ



A filial do Lago Sul foi anfitriã, em 6 de novembro de 2012, de uma festa de caráter democrático, resultado de uma longa e tradicional parceria entre a Casa Thomas Jefferson e a Embaixada dos EUA. A apuração do resultado das eleições para a presidência dos Estados Unidos foi acompanhada em um telão, em meio a uma festa com comidas típicas. Um trio de jazz foi o responsável pelo fundo musical e os convidados – autoridades do governo brasileiro, diplomatas, jornalistas – foram fotografados ao lado de modelos feitos de papelão, em tamanho natural, dos candidatos Barack Obama e Mitt Romney. Segundo o presidente do Conselho Cultural, David Fleischer, cientista político, os presentes puderam acompanhar a análise das redes de TV norte-americanas sobre os resultados e observar as reações explícitas dos comentaristas a respeito de cada candidato. A festa terminou de madrugada. “As pessoas ficaram até que se definisse o vencedor”, lembra a coordenadora acadêmica da filial, Denise de Felice.

Election Night • 1984
Foto na Matriz da CTJ da eleição
presidencial dos Estados Unidos,
Ronald Reagan venceu Walter Mondale
C | Arquivo CTJ



Fleischer, que é norte-americano, elogia a parceria entre a Embaixada dos Estados Unidos e a Casa Thomas Jefferson.

“

A embaixada frequentemente traz estudiosos para palestras e a Casa cede seu auditório ou galeria de arte para eventos acadêmicos

, resalta.

Às vezes, essa parceria extrapola as dependências da Casa Thomas Jefferson. Em 2002, poucos meses depois do atentado às Torres Gêmeas, em Nova York, alunos da Escola Classe número 8 da Ceilândia (cidade a 35 km do Plano Piloto de Brasília) visitaram uma exposição de fotos em homenagem às vítimas do 11 de Setembro. Depois, fizeram trabalhos sobre o tema, que foram oferecidos à Embaixada dos Estados Unidos. Como recompensa pelo ato de solidariedade, a escola ganhou de presente dois computadores.

A qualidade do ensino é a preocupação mais constante de professores e funcionários da Casa Thomas Jefferson. A área acadêmica, naturalmente, é a que recebe maior atenção na instituição. “A missão da Casa é educar, e não somente ensinar inglês”, declara a diretora Lucia Santos, que ressalta a formação ética do aluno. Segundo a superintendente acadêmica Isabela Villas Boas, é essa visão que difere a Thomas de uma franquia.

Por isso, quando surgem oportunidades de contato com o público externo, Isabela expõe aos interessados a dimensão do trabalho da CTJ além do ensino do inglês: biblioteca, atividades culturais, feiras de intercâmbio, formação de professores. Ela sintetiza a filosofia da instituição na área acadêmica: inovação aliada à tradição. A diretora adota a mesma linha:

“

A Casa Thomas
Jefferson é tradicional
porque está na cidade
há muito tempo, mas
tem tudo de novo.

Professor da CTJ há 30 anos, Hermes Freire destaca o papel da Thomas como difusora de conhecimento. “A Thomas se volta para a compreensão da cultura norte-americana e ajuda os alunos a entender melhor a nossa cultura, estimulando-os a refletir criticamente”, afirma ele, que lista o leque de assuntos tratados em sala de aula, em meio ao ensino da língua: ecologia, sociologia, política e ética, por exemplo.

“O planejamento estratégico”, diz Lucia Santos, “leva em conta também o respeito à concorrência”. Ela se lembra de casos de propagandas feitas por outras escolas. Apregoavam: “Usamos os mesmos livros da Thomas” Como lidar com a concorrência? Melhorando sempre. “O nosso nome implica em uma responsabilidade que tem que ser mantida. Criamos uma imagem que não pode ser maculada”, completa a diretora.

Isabela Villas Boas percebe que a filosofia da CTJ já está clara para quem mora em Brasília há mais tempo, mas não para os recém-chegados. É para conquistar este novo público que ela - que, além de professora, também é formada em Comunicação - defende investimentos contínuos em divulgação e lembra o slogan publicitário utilizado pela instituição: “O inglês como deve ser”.

A demanda pelo aprendizado da língua estrangeira é grande e deve aumentar ainda mais com a proximidade das próximas Copa do Mundo e Olimpíadas, ambas a serem realizadas no Brasil. Mesmo antes destes eventos internacionais, a professora Katy Cox detecta uma “pressão” constante. “Todas as profissões utilizam um pouco de inglês, o inglês cerca a sociedade”, diz ela, referindo-se principalmente à população de classe média das grandes cidades do país.

Essa pressão faz com que, constantemente, a CTJ adapte a logística do ensino às demandas da sociedade. Para atender a esse público profissional, por exemplo, foi criado o curso Flex, voltado prioritariamente ao adulto que trabalha e precisa de horários flexíveis na hora de estudar inglês. “Essa flexibilidade ajuda o aluno que viaja a trabalho e fica duas semanas ausente”, observa a chefe da supervisão de cursos, Katia Falcomer.

Outras mudanças aconteceram devido ao rápido crescimento de Brasília, que teve como uma das consequências a dificuldade de deslocamento em horários de pico, por causa do excesso de automóveis. A Casa Thomas Jefferson, há algum tempo, mudou o esquema de aulas diárias para duas ou três vezes por semana, aumentando a carga horária em cada dia de aula. Mais recentemente, criou postos avançados em várias escolas do Distrito Federal. Mudanças logísticas somente, mantendo intacta a qualidade do ensino da língua inglesa.



PROFESSORES

Para manter esta qualidade, o maior foco é o investimento no professor. Foi-se o tempo em que ter residido nos Estados Unidos e falar inglês fluentemente era pré-requisito importante para ingressar na carreira. Ser nativo de um país de língua inglesa também não garante a vaga no quadro de professores. “A nacionalidade não vai ditar a qualidade do professor”, ressalta a chefe da supervisão de cursos, Katia Falcomer. “É maravilhoso ter um professor nativo, mas não o que só sabe a língua”, acrescenta, ressaltando que professores de diversas nacionalidades – e na CTJ há profissionais do Chile à Nova Zelândia – dão uma contribuição importante à diversidade cultural.

Não há um perfil definido de professores, mas em uma simples visita a qualquer das unidades da Casa Thomas Jefferson, uma característica salta aos olhos: a predominância feminina. “Acho que é uma característica da profissão. A mulher tem um talento natural para o relacionamento interpessoal” reflete Katia. “Os homens sempre foram minoria”, revela o único coordenador acadêmico, Claudio Azevedo. “Quando entrei na Thomas, eles eram escassos”, diz ele, há 26 anos na instituição.

Entre os coordenadores acadêmicos das unidades e os professores, existe um profissional importantíssimo: o(a) supervisor(a). Eles, responsáveis pelos diversos cursos ministrados, ajudam a escolher o material didático, elaboram material extra, testes e, continuamente, analisam os índices de aprovação e reprovação do aluno.



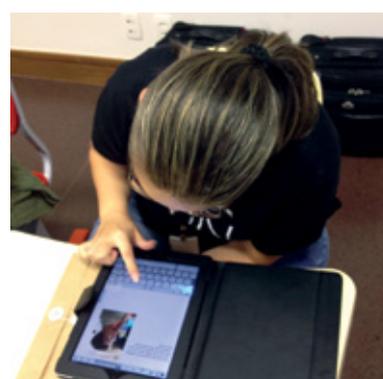
Os professores dão feedback, dizem se o material está funcionando, se necessita de ajustes

, diz Kátia Falcomer. A equipe de supervisão é elogiada por professores antigos e novos. “Cada curso tem o seu supervisor. O sistema de supervisão garante o alto nível das unidades”, enfatiza Katy Cox.

A superintendente acadêmica Isabela Villas Boas identifica um grande concorrente no recrutamento de pessoas qualificadas para serem professores: o concurso público, que atrai bons profissionais com estabilidade e salários tentadores. A solução foi profissionalizar o estilo de recrutamento, com a ajuda de um Programa de Aperfeiçoamento de Executivos (PAEX), da Fundação Dom Cabral, que, por meio de cursos e palestras, incorporou uma dimensão gerencial à função acadêmica de coordenadores e supervisores de curso. A metodologia, diz ela, pressupõe equilíbrio na tomada de decisões e ações constantes para valorizar os professores, com bônus por desempenho e mudanças na classificação financeira.

A partir do recrutamento, o investimento parte para a formação dos professores. “Antes, exigíamos dois anos de experiência. Agora, preferimos que o professor adquira a experiência na Thomas”, informa Isabela. O Teachers Development Course (TDC) é a principal ferramenta neste processo de formação – é um curso híbrido, parte presencial e parte *online*. O novo professor passa o primeiro semestre de trabalho observando aulas. Somente no segundo semestre, tem metade da carga horária preenchida por turmas. A partir do primeiro ano, ele assume suas atividades com carga semelhante à dos professores mais experientes.

“O professor passa por uma reciclagem constante”, afirma Katia Falcomer, responsável pelas entrevistas com os candidatos a uma posição. O processo de seleção, explica ela, é completo: inclui uma entrevista, teste escrito e aula demonstrativa.



Seminários e formação de professores
C | Arquivo CTJ

“

Constatamos a experiência profissional, mas buscamos quem tenha o domínio do idioma e o conhecimento da teoria da aprendizagem.

Diz ela que é levada em consideração, também, a disposição da pessoa em aprender. “A Casa está disposta a investir em pessoas com potencial”.

A diretora Lucia Santos ressalta a importância de se investir nos profissionais. “Trabalhamos muito para criar um grupo homogêneo, e a Thomas é uma escola que forma professores”.



KEYS

Eneida Coaracy, Solange Pedroza e Katy Cox

Como a tarefa não é fácil, há alguns anos a Casa Thomas Jefferson agregou um diferencial na formação de professores: formou um grupo especial, com três profissionais (*senior teachers*) conhecidas pela imensa experiência e incomparável competência. Elas constituíram uma empresa de consultoria pedagógica para supervisionar o processo.

A palavra Keys, além de significar “chaves” em inglês, agrega as iniciais destas super supervisoras:

K de Katy Cox, **E** de Eneida Coaracy e **S** de Solange Pedroza.

Só para se ter uma ideia do volume de trabalho, em 2011, cada uma das três consultoras observou 70 aulas de professores.

“ É a única instituição que se dispõe a fazer este trabalho de formação

, destaca Solange.

Esse tipo de “monitoring”, segundo Katy, tem o objetivo de padronizar os procedimentos. “É um investimento grande, mas vale a pena”. Eneida ressalta o papel do grupo na integração dos novos professores, mesmo daqueles que já acumularam experiências anteriores no ensino da língua. “Desejamos facilitar a inserção dos recém admitidos nas expectativas metodológicas da Thomas”. As KEYS corrigem posturas em sala de aula que não correspondem às expectativas da instituição, como a do professor que, por exemplo, centraliza toda a aula nele ou daquele que se sente tentado a usar a língua portuguesa.

A ideia, diz Eneida, é manter uma unidade de ação que corresponda ao aumento do nível de profissionalismo dos professores e do nível de exigência, além da maior disponibilidade de recursos. “As KEYS percebem o ponto onde eles apresentam dificuldades e os ajudam a aplicar a visão macro da instituição em termos metodológicos”.

Nesse processo de adaptação, certos professores não entendem, em um primeiro momento, a atuação das KEYS. “Alguns pensam que somos inspetores”, comenta Solange. Segundo elas, esta impressão desaparece rapidamente, e os professores acolhem a consultoria com muita naturalidade. “Na etapa final das observações, alguns pedem para não interrompermos o processo”, revela Eneida.

Este processo, explica Solange, começa nas duas primeiras semanas de aula.



Os professores novos elaboram seus planos de aulas e os apresentam às consultoras, que, por meio de sugestões, os estimulam a aperfeiçoar o plano. Após o feedback e a execução dos ajustes necessários, os resultados são avaliados pelas consultoras. Ao longo do processo, os professores são treinados a fazer uma autoavaliação.

Os professores mais antigos também são observados costumeiramente pelo trio de consultoras”, finaliza Solange Pedroza. O trabalho, dizem elas, é compensador. “A descoberta de talentos e a colaboração para o desenvolvimento de colegas é muito gratificante”, comemora Eneida Coaracy.

ALUNOS



“ O aluno é o centro da sala da aula, não o professor.”

Tanto cuidado com a formação dos professores tem como alvo, é claro, o aluno. “Queremos que o aluno tenha fluência na língua”, enfatiza a diretora Lucia Santos. “O aluno é o centro da sala da aula, não o professor”, emenda. “Necessitamos de muita técnica para acompanhar as mudanças dos estudantes – sim, porque o perfil dos alunos da Casa Thomas Jefferson foi moldado ao longo dos acontecimentos dos últimos 50 anos”.

As professoras mais antigas traçam um perfil dos alunos dos primeiros tempos. “Antes, no curso avançado, os alunos liam um romance ou conto e escreviam um artigo com comentários”, lembra Katy Cox. Com a constante evolução dos meios tecnológicos e o uso de blogs e twitter, hoje a leitura é diversificada. É necessária a adoção de estratégias atraentes para incentivar a leitura, e os professores estimulam a produção de textos em sintonia com as preferências dos jovens.

Lucia Santos também percebe a mudança: “O aluno escrevia mais, era difícil o comparecimento à aula sem ter feito o dever de casa. Hoje o aluno tem a vida mais sobrecarregada”. Mas nem tudo foram perdas ao longo do tempo. “O aluno atual tem acesso a outras oportunidades. No passado, viajava menos, não tinha acesso à TV a cabo, a internet, ao celular. Antigamente, o estudante dependia mais do inglês do professor”.

Para a superintendente acadêmica, Isabela Villas Boas, há também uma maior diversificação em termos socioeconômicos. “A Casa Thomas Jefferson não trabalha só com a elite. Com satisfação constatamos a ascensão das classes C e D a um novo patamar de escolaridade”, afirma.

A coordenadora acadêmica de Águas Claras, Keila Torres, destaca a confiança que os alunos têm na Casa Thomas Jefferson e que é passada de geração em geração. “Algumas mães começam a estudar conosco depois que os filhos se tornaram adultos”, diz ela, pois frequentemente recebe ex-alunos agradecendo o tempo em que passaram na instituição – os que estão longe se comunicam por carta ou e mail. Ela se alegra ao constatar que a CTJ se tornou uma referência para eles. “Muitos nos procuram até para indicarmos escolas regulares”.

DEPOIMENTOS

“A experiência de estudar na Thomas me marcou de modo especial por tudo de bom que o ensino de qualidade e infraestrutura adequada pode oferecer. Na década de 70, fiz cursos de alto nível com excelentes professores, numa época em que alguns recursos só eram avistados nos enlatados norte-americanos da TV. Na visão de criança deslumbrada com a modernidade, a Thomas era um portal do futuro frente às limitações da adolescente Capital Federal. Por muitos anos ainda, depois de concluir os estudos, a Thomas frequentemente aparecia à noite nos meus sonhos. Enfim, uma relação de naturezas distintas, mas, sobretudo, afetiva. Certa vez, me colocaram numa propaganda de TV, e um pôster com minha foto ficou pendurado na sala dos professores por muito tempo. Fui uma das primeiríssimas a me associar no grupo de ex-alunos. A Thomas realmente impressionou. Ingrid Graef, Val Brasileiro, Beatriz Sardenberg, Nina Rosa, Lucy Coimbra, Katy Cox, Ms. Reasoner, Ana Maria Assumpção... Que saudades!”

— Ana Lucia Andrade

jornalista e produtora cultural

“Ingressei na Casa Thomas Jefferson por volta de 1977 e lá fiquei até os idos de 1982/83, não me lembro ao certo. Na época não havia um curso adequado à minha faixa etária e, portanto, tive que iniciar no Intercom, método mais compatível com o ensino de jovens e adultos. Acontece que eu já tinha três irmãos mais velhos estudando na Thomas e o quarto elemento da mesma família ficaria isento de pagamento. É claro que minha mãe forçou a barra para eu começar logo a estudar inglês e acabei não tendo muita opção. Contamos com a boa vontade da secretária, que abriu, chamemos assim, uma pequena exceção para que eu, com dez anos, pudesse cursar o nível 1-A. Embora no início eu passasse por alguma dificuldade em função da pouca idade, tendo mesmo provocado risos em algumas ocasiões, não me arrependo nem um pouco dessa experiência, que avalio como fantástica e importantíssima para o curso de minha vida. A Thomas me tornou apto a conhecer inúmeros países e pessoas pelo mundo afora, sem dificuldades de comunicação. Pude também estudar nos Estados Unidos, em curso de pós-graduação, na Universidade George Washington, além de aproveitar todo o conhecimento que podemos adquirir por meio de publicações no idioma inglês. Enfim, lembro-me com muita saudade daqueles anos deliciosos que passei na Thomas.”

— Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

diretor-geral da Câmara dos Deputados

*"Pick up those cups and saucers. Ou, mais instrutivo ainda, embora pesaroso para nós, adolescentes da época: **If I hadn't had to study, I would have gone to the movies.** Para quem não viveu esse tempo, essas eram algumas das famosas base sentences, as quais inspiraram durante anos o aprendizado do inglês na Casa Thomas Jefferson, por intermédio dos pequenos livros English 900. As recordações nem de longe se limitam a isso. Falo dos anos 70, intensamente dourados para a juventude de Brasília. A Thomas representava o desejado happy hour para um dia de esforço: o inglês como atividade social e, de quebra, educativa. Era o ensino lúdico em sua forma mais espontânea. A cultura americana pautava todas as ações e reações do planeta, mas, na verdade, desejávamos algo menor do que participar de algum movimento global. Estávamos satisfeitos em viajar, conhecer as pessoas e traduzir as belas letras de Stevie Wonder e Elton John. Tenho uma idade muito parecida com a da Thomas. Assim, dos anos 90 em diante, minhas filhas é que integraram a escola, a exemplo do que ocorreu na família de vários ex-alunos. É bom ver a solidez de uma instituição que se fez modelo há várias décadas e que não se perdeu como outros ícones da nossa capital, dos quais só nos restou a saudade. Conto entre professores e colegas algumas pessoas decisivas para a vida que escolhi percorrer. Faço particular referência a uma professora muito elegante e culta. Na sala de aula, prendia atenção não porque fosse expansiva, mas porque, discreta, falava baixo e pausadamente. Às vezes parecia tímida – tanto que talvez a incomode a menção que agora faço. Confesso que não imaginava, por isso, vê-la nos anos seguintes como a grande administradora da Casa Thomas Jefferson, responsável pelo sucesso da escola no circuito cultural da cidade. Não preciso declinar o seu nome. Tivemos tantos professores e professoras carismáticos que não dá para nominar. Certo é que as grandes referências, como as base sentences, a gente nunca esquece."*

— **Hugo Gueiros Bernardes Filho**

subprocurador-geral da República e advogado

É casado com Cláudia Aguiar de Vasconcelos Gueiros Bernardes e pai de Fernanda, Marília e Paula.

Todos estudaram na Casa Thomas Jefferson.

"Na cabeça de uma menina ainda entre criança e mulher, a caminhada até a tão desejada Thomas, toda pincelada dos tons dourados dos finais de tarde, entre gramados e casas das setecentas, passando pela Praça 21 de abril, era o cenário perfeito para alimentar a imaginação agora repleta de sonhos das portas que se abririam ao falar inglês. Meus pais não tinham recursos para pagar uma escola deste nível, porém, após a separação deles, vim morar na Asa Sul, na casa das minhas tias e o amor que elas tinham por mim e por meu irmão nos proporcionou estudarmos nos melhores colégios de Brasília a partir de então. Caminhar, naquela época, não era ainda tão alardeada forma de se lograr saúde. Mas tamanha era a felicidade de estar indo para a Thomas que com certeza logrei, aliando alegria aos outros benefícios hoje tão conhecidos. Saindo de todo o verde que me acompanhava pelo caminho, meus olhos fascinados encontravam o tom róseo do prédio da Thomas. "Chega de sonhar!", eu dizia pra mim. "É hora de atravessar a rua! Preste atenção!", complementava. Ao chegar, era bom rever os novos amigos feitos lá:

Ana Cristina Strava, Thais Gueiros e outros tantos que não lembro o nome. O miolo do prédio rosa, extremamente agradável, era claro e salpicado do colorido das roupas de todos: alunos, professores, funcionários. Das aulas em si, minha mente guardou, quem sabe se reportando ao momento da fronteira de asfalto que me interrompia os sonhos na ida até lá, uma frase de um dos livros da escola, que ecoou na minha cabeça durante todos estes anos: "Yesterday I was crossing the street and was almost hit by a car" "Porque a memorizei? Talvez Freud - ou ainda melhor Jung - explicariam. Não vou incomodá-los para tal. Tentando eu mesma buscar razões entre as sensações que guardei em relação à frase é que, além de achar a sonoridade das palavras bonita, eu conseguia falar esta frase com um inglês perfeito e isto me jogava novamente no campo do imaginário, passando a segurança de que, no futuro, conseguiria falar bem o idioma e isto me levaria longe, até onde meus sonhos pudessem alcançar."

— **Eliane Silvestre**

publicitária, atriz, poetisa e ilustradora

"Fiz todo o curso de inglês na Thomas, tendo me formado em 1979. A Katy foi minha professora por mais de um semestre, e, com certeza a que mais gostei - seu accent é maravilhoso! Lembro que era uma excelente aluna, minhas notas eram altas e por isso me deram a oportunidade de não ser reprovada por falta. Pediram para que eu fizesse um resumo do livro "The Great Gatsby", de Scott Fitzgerald, por escrito e oralmente também, além de responder perguntas sobre o livro. O prazo que tive para fazer o resumo foi exatamente a semana do Carnaval! Estava com viagem marcada para o Rio, com toda a família, e tive que ficar, mas valeu não ter que repetir o último semestre."

— **Elizabeth Gaspar de Campos**

economista e empresária

"Estudei na Thomas nos anos 70-80. No ano passado, num evento beneficente, revi a professora Ana Maria Assumpção, de quem havia sido aluno há mais de 30 anos. Não sei dizer exatamente quando foi. O incrível foi que, passados tantos anos, imediatamente a reconheci - no que fui ajudado pelo ar permanentemente jovem da professora. Não só a reconheci de pronto, como me lembrei do seu nome. Considerando o número incontável de professores que tive desde então, dada a extensão da minha vida nos estudos, fiquei, eu mesmo, surpreso. A causa dessa lembrança exata sei bem qual é. A professora Ana Maria me deixou na memória as virtudes que sei que a Thomas Jefferson mais prezava e ainda cultua. Ela é o epítome da professora dedicada, competente, firme, elegante, que sabia respeitar os alunos e ser por eles respeitada. Sobre o conceito que tenho da Thomas, como a minha geração familiarmente chamava a escola, basta dizer que meus 4 filhos, que contam entre 8 e 14 anos de idade, todos eles estão matriculados na sede do Lago Sul."

— **Paulo G. Gonet Branco**

membro do Ministério Público Federal em Brasília e professor no Instituto Brasiliense de Direito Público

Os estudantes contam com um apoio extra durante o ano letivo. Trata-se do Serviço de Psicologia Escolar, chefiado pela professora e psicóloga Conceição Machado há 16 anos. A ideia é desmistificar as dificuldades de aprendizagem. Mitos, que, segundo ela, têm levado à medicalização na educação e a uma lista de doenças como Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) e dislexia. “Não houve uma mudança de comportamento. Ele só ganhou rótulos”, afirma Conceição, há 30 anos na CTJ.

Juntamente com a psicóloga Patricia Villa, que cuida da filial Asa Norte, Conceição faz um trabalho com os professores para que eles possam atender às necessidades especiais dos alunos. Uma das preocupações é saber o que fazer em sala de aula para captar a atenção do estudante.

“ O método da Thomas é baseado na socialização. Observamos o professor e fazemos sugestões de como modificar alguns procedimentos.

, explica Conceição Machado.

Muitos professores admitem o despreparo para lidar com questões mais complicadas. Por isso, o Serviço de Apoio Psicológico frequentemente promove oficinas. Os mestres discutem as dificuldades observadas em sala de aula e percebem que há problemas em comum – para muitos, é um alívio saber que o despreparo inicial não significa incompetência. “As graduações não preparam o professor para essa realidade”, constata a psicóloga.

Quando se detecta algum problema, o aluno é encaminhado para o serviço. Mas as necessidades especiais nem sempre são facilmente percebidas – segundo Conceição, muitas vezes, os alunos se revelam pelas redações que escrevem. Os problemas vão desde dificuldades reais de aprendizagem até situações pontuais, como a morte de parentes. Para reforçar o aprendizado, há ferramentas como as aulas extras e os plantões de dúvidas.

Os pais também são chamados a fazer parte desse processo de apoio. No caso de pais que já não estão casados, cada um é convocado separadamente para acompanhar a vida escolar do filho. A maior parte deles recebe bem o convite, agradecendo a preocupação da escola com o aluno.

TECNOLOGIA



Uma novidade do aluno dos tempos atuais que pode se tornar um problema para o professor é o uso da tecnologia. Celulares ligados durante a aula – apesar dos avisos solicitando o desligamento – e um encantamento com as máquinas que pode desviar a atenção do conteúdo didático são desafios que os professores de todas as unidades da Casa Thomas Jefferson enfrentam.

Para a psicóloga Conceição Machado, cada vez mais os professores vão ter de incorporar, de maneira criativa, esses recursos tecnológicos nas salas de aula. Já há, por exemplo, um aplicativo de celular que, a cada pergunta do professor, escolhe qual aluno vai dar a resposta. Ela menciona, também, os aplicativos de dicionários, que podem ser utilizados.

Solange Pedroza, uma das consultoras responsáveis pelo desenvolvimento dos professores, assegura que a chave do sucesso é utilizar a tecnologia de forma eficiente. O uso de imagens, por exemplo, pode ativar o interesse do aluno; mas o professor deve evitar o uso de imagens óbvias. Katy Cox defende um equilíbrio entre o investimento em tecnologia e em professores. “A tecnologia não pode ser a base sem os princípios”, diz ela, ressaltando a importância da preparação acadêmica dos profissionais que ministram aulas na CTJ.

A assistente de coordenação da filial Sudoeste, Marcília Taveira, destaca uma ferramenta tecnológica que ajuda alunos e professores. É o projeto CTJ Connected, um espaço colaborativo também chamado de *wiki*, onde várias informações são compartilhadas. *Wiki* é uma palavra em um dialeto havaiano que significa *rápido*. São cerca de nove mil arquivos criados pelos professores. “Compartilhamos planos de aula, objetos de aprendizagem, recursos de multimídia”, explica a chefe do Departamento de Tecnologia Educacional e Comunicação Digital da Casa Thomas Jefferson, Carla Arena. “O professor tem que ser criativo, não pode ficar parado no tempo”, adverte Marcília.

TECNOLOGIA



CTJ Connected

Tecnologia em benefício do aprendizado

O CTJ Connected é apenas uma das ferramentas de responsabilidade do departamento. Carla começou a carreira como professora e se aproximou da tecnologia ao usar a Internet para pesquisar aulas. É a área chefiada por ela que treina os professores para usar a tecnologia disponível. “O professor mais jovem está mais familiarizado com a tecnologia, mas nem sempre a sabe utilizar para o ensino. O professor mais antigo traz a experiência, só precisa se adaptar à tecnologia”.

Cada aparato tecnológico é avaliado antes de entrar em sala de aula. Os chamados “quadros interativos”, substitutos modernos dos antigos quadros-negros, por exemplo, não foram bem cotados. Já o IPAD recebeu sinal verde e há um programa piloto para a utilização destes *tablets*. Enquanto isso, as salas já dispõem de *data show*, equipamento para exposição de informações ligado à internet. Outra iniciativa aprovada é utilizar os aparelhos que os alunos já possuem – em inglês, *Bring Your Own Device*.



“ Temos que mostrar que a tecnologia faz parte do aprendizado.

Carla Arena explica que a equipe também cuida de outra vertente tecnológica da Thomas Jefferson: os cursos *online*. No final de 2007 surgiu o primeiro curso, chamado Listening Plus. Hoje em dia há tanto cursos regulares como aqueles que desenvolvem habilidades específicas, como gramática e redação.



“

Os professores são treinados para serem moderadores *online*

, explica Carla. Há uma sala virtual com conteúdo, os professores mandam mensagens semanais, há encontros via videoconferência e um cronograma de atividades.

Os cursos regulares *online* disponibilizam para o aluno o mesmo material do curso presencial. O próximo avanço tecnológico da área contemplará os cursos móveis, adaptados para os *tablets*. “Não existia essa cultura de estudar *online*. Conforme a qualidade vai melhorando, os cursos vão ganhando mais credibilidade”, afirma a chefe do Departamento de Tecnologia.

Além da tecnologia para o ensino, há a tecnologia para se comunicar. É a equipe de Carla que alimenta o *site* da CTJ, a *newsletter* via email e as mídias sociais. A instituição faz investimentos constantes para melhorar esta comunicação via Facebook, Instagram, YouTube e Foursquare (um aplicativo de localização de pessoas).

 **Facebook**
facebook.com/casathomasjefferson

 **Twitter | @ctjonline**
twitter.com/ctjonline

 **Instagram**
ctjonline

 **YouTube**
youtube.com/ctjonline



“ Nem toda a tecnologia,
no entanto, substitui os
livros didáticos.

Coordenadores acadêmicos e supervisores, liderados pela superintendente acadêmica, Isabella Villas Boas, escolhem o material e recebem os catálogos das editoras e as visitas dos representantes de vendas que os informam sobre as novidades na área editorial. “Nós consultamos os professores, não tomamos as decisões sozinhos”, lembra a chefe dos supervisores, Kátia Falcomer.

Os critérios para a escolha do material incluem o layout do livro, a globalização (se escapa dos estereótipos e respeita as diferenças culturais), o equilíbrio entre as várias atividades, como gramática e leitura, e o material de apoio para o professor. Para as crianças, é dedicada atenção especial à existência de ilustrações e, depois de certa idade, se os textos despertam interesse. Ultimamente, o material multimídia, com livro, CD e/ou DVD, tem sido bastante valorizado.

A tecnologia mais moderna convive, sem conflitos, com uma técnica de aprendizagem que é habitual nos Estados Unidos desde o início do século XX: soletrar palavras. Há 10 anos, a Casa Thomas Jefferson promove o concurso *Spelling Bee* (o verbo *soletrar*, acrescido de um trocadilho com a letra B e a palavra *bee* - abelha em português), no qual alunos por volta dos 13 anos de idade, cursando o nível Teen7, disputam quem soletra melhor algumas palavras em inglês aprendidas desde o início do curso.

Nos Estados Unidos, concursos deste tipo começam na escola e alcançam os níveis municipal, estadual e federal. Aqui no Brasil, ainda são restritos às escolas de inglês. “O *Spelling Bee* faz parte da divulgação da cultura americana”, afirma a professora responsável pela organização do evento, Márcia Ribeiro. Ela lembra que, quando o aluno começa a aprender inglês, uma das primeiras frases que ouve é “*How do you spell...?*” (“Como se soletra...”), uma estratégia para que ele memorize a grafia das palavras.



CTJ Spelling Bee

Alunos disputam quem soletra melhor algumas palavras em inglês aprendidas desde o início do curso. C | Arquivo CTJ

Em cada unidade da Thomas, um professor é o responsável por incentivar a prática do hábito de soletrar. As regras do jogo são divulgadas em português, para que não haja dúvidas, assim como o calendário com as etapas. Cada turma escolhe dois representantes, semifinais são promovidas em cada unidade, e a grande final acontece no fim do semestre, juntamente com a formatura do curso TEENS 7.

A final é uma festa divertida. A última, em dezembro de 2012, foi realizada em um vasto auditório com mais de 600 lugares. Os finalistas, entre desenvoltos e tímidos, disputam os prêmios, que são vales para compras em uma grande livraria da cidade. Para cada candidato, um professor lê a palavra, o aluno repete e indica que vai soletrá-la. Tem 40 segundos; mas, se perceber que errou, deve indicar que fará a correção. No final, ele repete a palavra e espera a aprovação da banca de jurados, composta por professores.

As famílias e os amigos são um capítulo à parte: movimentam a plateia com gritos e muito incentivo aos estudantes. Segundo Márcia Ribeiro, o evento já desperta a atenção fora da CTJ. “Há dois semestres, professores de uma escola pública de Santa Maria (cidade do Distrito Federal) trouxeram os alunos ao evento e ficaram interessados em adotar o projeto”, lembra ela.

BIBLIOTECAS
RESOURCE
CENTERS



Asa Sul



Asa Norte



Lago Sul



Sudoeste



Taguatinga



Águas Claras

BIBLIOTECAS RESOURCE CENTERS

Estudantes de outras instituições estão sempre interessados nas bibliotecas instaladas nas seis unidades da Casa Thomas Jefferson, localizadas em diversos pontos do Distrito Federal. As mais espaçosas estão na Asa Sul e Asa Norte – as outras, embora um pouco menores, oferecem a mesma qualidade do acervo. Também pudera: é só lembrar que a origem da CTJ foi uma biblioteca. Os chamados *Resource Centers* (Centros de Pesquisa) têm como função principal dar apoio às unidades, com livros para alunos e professores.

O forte do acervo é a literatura norte-americana, mas também há numerosos volumes de literatura de outros países de língua inglesa e literatura traduzida para o inglês (de países como Rússia, França e Brasil). A coleção é eclética: dos livros originalmente publicados em inglês, encontramos tanto peças de Shakespeare, Tennessee Williams, Eugene O’Neill, como a coleção completa de Harry Potter; entre os autores brasileiros, obras de Jorge Amado e Paulo Coelho traduzidas para a língua inglesa.

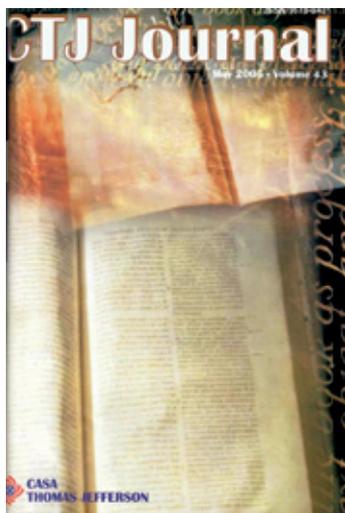
As estantes contêm volumes sobre História e Geografia dos Estados Unidos, Economia, Relações Internacionais, Cinema, Direito e Esportes, entre outros temas. Há uma área específica dedicada ao ensino da língua inglesa, com relevante número de volumes sobre metodologia e gramática. “Somos uma referência na cidade, não existe outra biblioteca com tal acervo em inglês”, diz Maguimar Valin, assistente administrativa que trabalha há 25 anos no Resource Center da Matriz da CTJ.

Os livros são divididos em níveis que vão do elementar ao avançado. Uma faixa verde na lombada indica que o livro é acessível aos níveis mais básicos. Livros simplificados, mesmo os clássicos, são indicados para os principiantes. Obras completas são recomendadas para os leitores mais avançados no aprendizado da língua. Uma vedete do acervo são os chamados *easy books* (livros fáceis), volumes com versão em áudio, que atraem principalmente os alunos do curso Flex. “Todo material acompanhado de áudio é muito procurado”, informa Maguimar.

Além dos livros, periódicos estão disponíveis nas prateleiras. São exemplares sempre renovados das revistas *Time*, *The Economist* e *Newsweek*, publicações sobre esporte e ciência ou aquelas destinadas aos públicos feminino, infantil e juvenil. No acervo dos Resource Centers, há publicações produzidas pela própria Casa Thomas Jefferson.

O CTJ Journal, por exemplo, circulou de junho de 1980 a maio de 2005. Era uma publicação de cunho acadêmico, lançada uma vez por semestre, com artigos sobre literatura norte-americana, metodologia de ensino e linguística aplicada à língua inglesa, além de resenhas recomendando livros e artigos, como evidenciou a coordenadora de cursos Lynn Reer na apresentação do primeiro número. Katy Cox foi única editora da publicação ao longo da existência da mesma.

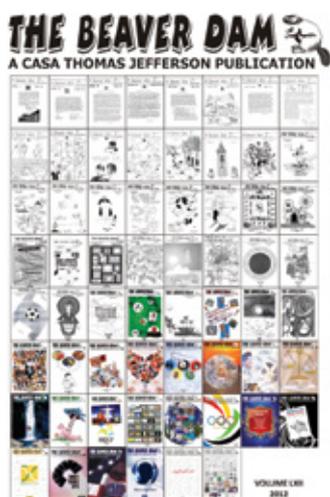
Duas outras publicações da Thomas podem ser consultadas pelos leitores. O CTJ Gateway, publicado até julho de 1998, era uma publicação mensal interna, com notícias sobre as atividades das



CTJ Journal • 2005
Última publicação em Maio 2005 • Volume 43



áreas acadêmica, social e cultural, entrevistas e informações para a comunidade de alunos e pais diretamente ligada à instituição. Luzia Pandolfi, coordenadora cultural da Thomas naquela época, além do envolvimento com a programação cultural, era responsável pela edição do CTJ Gateway, que registrava o que acontecia de importante na Matriz e nas filiais.



The Beaver Dam • 2012
Capa da edição comemorativa de 30 anos

Já o The Beaver Dam (A Barragem do Castor) reúne as melhores redações dos alunos, sobre temas variados. Em 2012, a publicação completou 30 anos de edições ininterruptas, com uma festa em homenagem a estudantes e professores. Além disso, foi lançada uma coletânea especial com textos dos alunos destas três décadas, reproduções das capas de todas as edições e uma entrevista especial com a criadora e editora da publicação, a professora Katy Cox. Na entrevista, ela explicou o porquê do nome do periódico, lembrando que a barragem é o resultado da aplicação paciente de uma habilidade do castor – a mesma paciência necessária ao estudante para bem aplicar os conhecimentos da língua escrita em uma redação.

Frequentemente, os Resource Centers recebem doações de periódicos da Embaixada norte-americana. A comunidade em geral também doa livros, que devem preencher alguns simples critérios antes de serem incorporados ao acervo: bom estado do volume, autores conhecidos ou que tenham recebido críticas favoráveis. “Quando já temos mais de um exemplar com o mesmo título, ele é doado para os centros de línguas da Secretaria de Educação (CILs) ou escolas da rede pública”, revela Maguimar.

A biblioteca da Matriz centraliza as compras, a catalogação e a distribuição do material. O aluno paga uma pequena taxa para que seja impresso um cartão válido para o acesso a todos os Resource Centers, enquanto ele estudar na Casa Thomas Jefferson. Leitores da comunidade pagam taxas um pouco mais elevadas (com 50% de desconto para estudantes). É fixado um determinado número de livros e periódicos que podem ser retirados a cada empréstimo, assim como um prazo para devolução e multa por atraso. É possível, inclusive, pedir o livro em uma unidade e recebê-lo em outra. Só não podem deixar as dependências dos Resource Centers livros de referência (dicionários, enciclopédias, almanaques) e livros reservados para os alunos de cursos específicos, como o TDC (Teaching Development Course) o curso de preparação para professores. Em contrapartida, os estudantes da Thomas são estimulados a frequentar os Resource Centers desde cedo, sozinhos ou acompanhados pelos professores que contam histórias para os pequenos.

FUNCIONÁRIOS

Edifício administrativo da Casa Thomas Jefferson na Matriz Asa Sul



As áreas de tecnologia, biblioteca e de compra de materiais da Casa Thomas Jefferson são ótimos exemplos que nos lembram que a instituição não é só feita de alunos e professores. Um corpo administrativo de qualidade dá o apoio necessário para que o ano letivo seja bem aproveitado, sem percalços.

“

Somos o suporte
que contribui
fundamentalmente
para a existência da
qualidade desejada
pelos clientes

, garante o superintendente administrativo financeiro, Carlos Sampaio.

Os livros didáticos são selecionados pela equipe de supervisores coordenada pela superintendente acadêmica Isabela Villas Boas. A livraria internacional SBS facilita para os alunos a aquisição dos materiais por meio da montagem de “stands” nas Matriz e filiais. O mesmo material didático também está disponível em outras livrarias da cidade. O assessor executivo Robson Moura, há vinte e três anos trabalhando na Casa, é responsável pelo contato com as editoras que adotam em seus livros capas personalizadas, identificando o material como de uso da Casa Thomas Jefferson. Robson é um funcionário essencial no apoio à Coordenação Acadêmica e na sempre impecável organização de eventos locais, seminários e simpósios para professores de inglês como língua estrangeira.

A ascensão profissional é valorizada pela Casa, como demonstra a história de Alessandro Carvalho, que ingressou na instituição em 1998 como estagiário da área de tecnologia e hoje é responsável por uma equipe que executa o atendimento básico de suporte de todas as unidades assim como pela telefonia, pela tecnologia em sala de aula e pela estrutura de computadores. “Antes havia o receio de que a tecnologia iria substituir o professor; hoje, sabemos que a tecnologia veio para aprimorar o aprendizado”, diz Alessandro. Atualmente são 140 salas de aula com equipamentos e mais 400 computadores na parte administrativa.



Atenção especial é dada ao aparato tecnológico destinado ao atendimento ao público

, afirma Alessandro. Entre os projetos em andamento na área estão a adoção do sistema de telefonia VOIP, que dará mais agilidade à comunicação entre as unidades e a melhoria da conectividade via internet.

O atendimento ao público é a função principal das 18 secretarias de filiais, postos avançados e a central de relacionamento. A supervisora desta estrutura, Micheline da Silva, há 16 anos na Casa, é responsável pela manutenção do mesmo padrão de informações sobre assuntos como: período de matrícula, transferências e abertura de vagas em novos cursos. “Cada cliente tem um atendimento diferenciado”, afirma ela, que lista os segredos deste atendimento: simpatia, qualidade e proatividade.

Agustinho da Silva, 64 anos, há 20 anos na secretaria, não pensa em trocar de função. Ele já havia trabalhado com o público em bancos e no aeroporto e, por isso, diz que se identifica com o setor de atendimento. Tanto que, mesmo aposentado, permanece na Casa Thomas Jefferson. Com extrema atenção atende a um público variado constituído por jovens, crianças e adultos.

Ele comemora a evolução tecnológica da Thomas e lembra o tempo distante em que os professores lançavam as notas manualmente nos boletins. “A informatização trouxe a agilização do serviço e ganho de tempo”, ressalta ele.

Cada unidade tem, além do coordenador acadêmico, um indispensável apoio na área administrativa. Por exemplo, Lucilene Elias, assessora executiva, há 22 anos na Casa Thomas Jefferson, exerce o papel na filial da Asa Norte. Ela é responsável pela supervisão da atuação do pessoal de limpeza, segurança, secretaria, recepção e treinamento dos novos integrantes da equipe administrativa. Também elabora, semestralmente, a relação do material necessário para o bom funcionamento da unidade.

Toda a área de logística fica a cargo destes “braços direitos” dos coordenadores acadêmicos em suas respectivas unidades: Sarah Damasceno, em Águas Claras e Taguatinga; Fernanda Barros, no Sudoeste; Livia Grandino Lourenço, no Lago Sul; e Fernanda Quadros, na Asa Sul. Na filial Asa Norte, a maior das unidades em área e número de alunos, há uma intensa circulação de pessoas no prédio. “O público externo frequenta nossas instalações e o Resource Center está sempre lotado, especialmente por alunos da UnB que aqui estudam”, afirma Lucilene. Uma outra responsabilidade é apoio logístico prestado aos eventos culturais quando realizados no auditório de 240 lugares.

LAÇOS COM A COMUNIDADE

▼
Piano da Casa Thomas Jefferson escolhido no Selection Room da Steinway NY, pela pianista Virginia Hogan, Steinway artist



▼
Apresentações culturais abertas à comunidade na Casa Thomas Jefferson



Além da ênfase na excelência acadêmica, a Casa Thomas Jefferson tem se destacado, ao longo da sua história, pelas diversas formas como está ligada à comunidade brasiliense. A programação cultural é um dos pilares desta ligação: o público da cidade, muitas vezes, prestigia as apresentações sem saber previamente o que vai ver. Confia em um calendário que mescla estilos e garante qualidade.

Desde a inauguração da Matriz, sempre houve intensa programação cultural na CTJ. O contrabaixista Ricardo Vasconcellos participou dos eventos – primeiro, como espectador; depois, como músico profissional. “De 74 a 78, assisti a um sem número de concertos e recitais de altíssimo nível. Com a colaboração do então assessor cultural da Thomas, Luiz Carlos Neiva, naquela época, a partir de 79, a Thomas resolveu promover seus Festivais de Jazz, que por alguns anos também se tornaram parte da rotina musical de Brasília. As primeiras versões eram mostras competitivas, e logo na estreia lá estávamos eu, a pianista Elenice Maranesi e o baterista Rodolfo Cardoso – o Grupo TRIO – conquistando orgulhosamente o primeiro lugar”. Ricardo conta que participou de mais três ou quatro versões do Festival de Jazz, com a pianista Elenice Maranesi e o grupo Instrumental e Tal.

A parceria entre Ricardo Vasconcellos e a Thomas foi além do jazz. Ele fez vários recitais de contrabaixo com músicos convidados do Brasil e do exterior, principalmente como integrante do Duo AssuntoGrave, do qual partici-

pava também a pianista Francisca Aquino. “Nós acompanhamos artistas de renome internacional, como o pianista Armen Donelian, a fagotista Janet Grice e o percussionista Ney Rosauro”, relata ele, acrescentando: “A Thomas apoiou a participação do AssuntoGrave em duas edições da Convenção da International Society of Bassists nos EUA”.

As lembranças de Ricardo sobre as apresentações na CTJ extrapolam o universo musical. “Há que se destacar ainda a maneira profissional, elegante e totalmente cordial com que os funcionários, assessores e dirigentes da Thomas, sem exceção, tratam os músicos e artistas em geral que ali se apresentam. Isso torna a Casa Thomas Jefferson um lugar extremamente agradável de trabalhar e contribui, significativamente, para o sucesso das produções artísticas lá realizadas.

“ Basta falar em se apresentar na Thomas que a alegria já se instala em nossas mentes e corações!

, diz, emocionado.

No início da década de 80 o cronograma de atividades culturais era responsabilidade da Seção Cultural da Embaixada dos Estados Unidos. Asta Rose Alcaide, assessora da embaixada nessa época, conta que artes plásticas e música eram as modalidades mais constantes no cardápio cultural. “A adida cultural, Frances Switt, mantinha numerosos contatos com a classe artística norte-americana. Não tínhamos dificuldades com a programação”, afirma ela. Asta Rose lembra, com orgulho, que até um espetáculo com trechos de ópera foi encenado, em palco elevado e com cenários simplificados.

Naquela época, foram criadas as Terças Musicais, para tornar fixa a programação de shows e concertos na Casa. Coincidentemente, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro estabeleceu as terças-feiras como a noite de concertos abertos ao público. Para evitar a concorrência direta, a programação da Thomas foi mudada e nasceram as Sextas Musicais, em 14 de agosto de 1987, que completaram 25 anos de atividades ininterruptas em 2012. O primeiro concerto das Sextas Musicais reuniu o violinista norte-americano Leopold La Fosse e o pianista Joel Bello Soares. No final dos anos 80, a programação deixou de ser vinculada à embaixada e o auditório passou por uma ligeira reforma.

O produtor sociocultural Luiz Carlos Costa passou por esta transição – está na Casa Thomas Jefferson desde novembro de 1987. Ele diz que o diretor John Dwyer foi o grande divisor de águas na organização geral da Casa, com reflexos expressivos também na área cultural. No texto que escreveu anos depois sobre seu período à frente da CTJ, Dwyer constata que a instituição cresceu e se tornou um centro de excelência em todos os seus empreendimentos, “trazendo o que há de mais refinado da cultura que os nossos dois países têm a oferecer”.

No início das Sextas Musicais, lembra, a produção distribuía convites. “As filas iam da porta do auditório até a recepção do prédio”, conta ele. Nestes primeiros tempos, a cada final de apresentação, um vinho de honra era servido – oportunidade para que o público pudesse conhecer o(s) artista(s).

Até meados dos anos 90, era expressivo

o número de músicos norte-americanos – “Artistic Ambassadors” – que vinham ao Brasil sob os auspícios da USIS. A Casa Thomas Jefferson, dirigida na época, respectivamente, por Kathleen Davis e Laurie Weitzenkorn, era responsável pela organização destas turnês que incluíam shows e concertos em Centros Binacionais de outras capitais brasileiras. Com a regularidade das atividades, as Sextas Musicais adquiriram excelente reputação em todo o país e no exterior, tornando-se uma série integralmente patrocinada pela Casa Thomas Jefferson.

Duas ativas parcerias na área musical foram estabelecidas com o Departamento de Música da Universidade de Brasília e com a Escola de Música de Brasília. Professores norte-americanos convidados pelas instituições para dar cursos e *master classes* na cidade têm espaço garantido para realizarem concertos na CTJ.

A programação musical da Thomas inclui música erudita, jazz, country music e MPB. A organização dos espetáculos é a mais variada possível: duos, trios, quartetos, quintetos, conjuntos de sopros, cordas, solistas, corais, cameratas, orquestras e grupos de música gospel.

As propostas de espetáculos são apresentadas pelos próprios artistas no ano anterior ao evento – muitos dos músicos que moram em outras cidades ou no exterior aproveitam turnês já planejadas que incluirão Brasília. Em geral, são projetos de pesquisas dos músicos, ressalta o produtor sociocultural, que revela: a Casa arca com despesas de hotel, alimentação, traslado (para os músicos de fora) e uma ajuda de custo. O portfólio das Sextas Musicais tem inserido numerosos artistas consagrados nacionalmente, como André Mehmari, Fernanda Canaud e Miguel Proença e a inestimável prata da cidade. O que atrai esses artistas? Um dos melhores pianos da cidade e um público fiel.

A jornalista e produtora cultural Ana Lucia Andrade acompanha as Sextas Musicais desde o início. “É uma iniciativa de bravura e mérito que merece relevo”, comemora ela, que destaca a programação de qualidade, “com requinte e sem fronteiras”. Ela relaciona a programação musical com a responsabilidade social da Thomas e diz que esse é um exemplo a ser imitado por outras instituições.

Além da música, o teatro foi sempre uma expressão artística presente na Casa Thomas Jefferson, em várias modalidades: desde espetáculos convidados a ocuparem o auditório (o último foi “O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, encenado pelo grupo Hablado em 2012) até disciplinas que usavam o teatro como ferramenta de aprendizado da língua inglesa. “São apresentadas peças nas duas línguas (inglês e português). É um trabalho social, o artista se torna conhecido”, ressalta Luiz Carlos Costa.

O coordenador acadêmico da filial da Asa Norte, Claudio Azevedo, há vários anos, passou pela experiência de aliar ensino e teatro. Um grupo de alunos propôs o curso e a então coordenadora acadêmica, Katy Cox, convidou-o para assumir o projeto. “Escolhíamos a peça, ensaiávamos e a apresentávamos em três meses”, conta ele. O espetáculo era, então, levado a todas as filiais. Os alunos participavam tanto das leituras da peça quanto da confecção de figurinos e cenários.

Os textos escolhidos eram de temática mais atual, com autores como Woody Allen, Susan Glaspell e Neil Simon. Um dos critérios desta escolha era que o número de personagens correspondesse ao número de alunos e professores. “Mas às vezes a gente criava um papel ou juntava dois personagens em um”, lembra Claudio. Ele também escreveu algumas peças, como “*Sex, Blood and Rockn´Roll*”. Muitas montagens também partiam de criações coletivas de alunos e professores.

Por conta da mudança de funções de Claudio Azevedo, as atividades teatrais foram interrompidas nos anos 2000. “Até hoje as pessoas pedem para reativarmos o curso. Quem participou também não esquece”, afirma ele, que confessa manter um arquivo em fitas VHS com alguns espetáculos gravados e tem vontade de que o teatro volte a fazer parte do currículo e seja apresentado para um público que já está renovado.

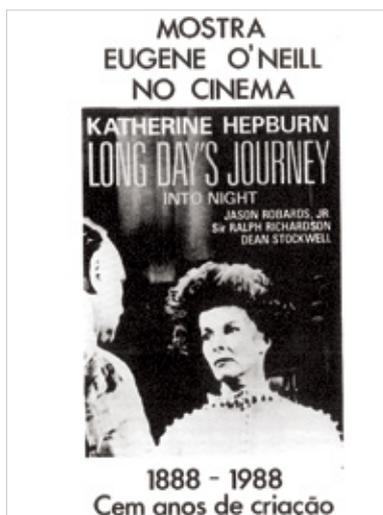


Os alunos que participavam das peças desenvolviam mais a fluência em inglês

, acrescenta ele. “Eram peças com vocabulário rico e expressões idiomáticas. Os alunos decoravam o texto prestando atenção ao ritmo da língua e à entonação”.

Antonio Augusto Silva, conhecido jornalista e ex-professor da Thomas, também teve uma experiência significativa fazendo teatro na Casa. Ele lembra que, no início dos anos 80, foi inaugurado o auditório, chamado “All Purpose Room”, que poderia ser traduzido como Sala Multiuso. O grupo de teatro era liderado pela professora Irene Aguiar e por Mrs. Dorothy Mayer, uma grande mestra na arte da comunicação. “A sala multiuso era um espetáculo. Iluminação e acústica muito boas e um grupo de atores dispostos a ocupar aquele espaço”.

Antonio Augusto já tinha uma bagagem acumulada nos grupos de teatro escolares dos quais participou quando estudante e se engajou no grupo teatral da Thomas. “Lembro-me de ter participado em quatro produções: *Our Town*, de Thornton Wilder; *The Glass Menagerie*, de Tennessee Williams; *Don't Drink the Water*, de Woody Allen e *Arsenic and Old Lace* de Joseph Kesselring. Os dois primeiros textos eram clássicos contemporâneos; e os dois últimos, comédias de grande sucesso nos EUA. Tínhamos um bom repertório, uma dedicação incansável por parte dos colegas e alunos e o apoio total da direção, que não perdia uma estreia”, ressalta ele, com saudades. “Ninguém estava em busca de notas ou avaliações. A Casa lotava, e isso justificava todo o nosso empenho”, completa. A ligação com a Thomas continua até hoje – a filha Julia é professora da instituição.



▼
Cartazes das Mostras de Cinema da Casa Thomas Jefferson

Também fizeram história na programação cultural da CTJ os festivais de cinema. A organização das mostras propunha temas e selecionava os filmes. Logo depois da exibição, havia debates. Segundo o organizador, Sergio Moriconi, o convite partiu da diretora Ana Maria Assumpção, e a atividade durou mais de três anos. Antes de cada filme, havia uma pequena apresentação por parte de Moriconi, para contextualizar a obra que seria apresentada a seguir. Ele salienta que em várias mostras, os filmes apresentados eram inéditos em Brasília e no Brasil. Muitas obras eram de jovens realizadores, que depois se tornariam famosos. Outras eram obras inéditas de cineastas já conhecidos.

“ Fui o primeiro a
exibir no Brasil
a obra-prima
Os Catadores e
Eu, de Agnes Varda

, exemplifica ele.

O público correspondia a esse esforço pelo ineditismo e por apresentar filmes de variadas origens, do Leste Europeu à Ásia. “O público foi excelente no primeiro ano, algumas vezes com cadeiras extras. Foi diminuindo aos poucos; mas considero que, mesmo nas últimas edições, pela experiência que tenho em atividades do tipo, a frequência era muito boa”, ressalta o cineasta e crítico cinematográfico.

Os temas das mostras eram os mais variados possíveis: “A Política no Cinema Norte-Americano”, “Crime e Suspense nos Anos 40” e “Reencontro com John Ford” foram alguns deles. O espectador sempre recebia um folheto com os títulos dos filmes a serem exibidos, com sinopses e fichas técnicas. Além da parceria com Moriconi, a CTJ promoveu ciclos de cinema com outras instituições - o Instituto Goethe, por exemplo, centro de ensino da língua alemã em Brasília, trouxe à Thomas uma mostra de filmes de Ernst Lubitsch, com 12 longas-metragens produzidos entre 1914 e 1942, alguns ainda da época do cinema mudo.

ARTES PLÁSTICAS

Galeria de Arte da
Casa Thomas Jefferson na Asa Sul



Além de música, teatro e cinema, os espaços da Casa Thomas Jefferson estão abertos a outras manifestações artísticas, como artes plásticas e literatura.

Há uma galeria de arte na filial da Asa Sul e um espaço destinado a exposições na filial do Lago Sul; mas, de acordo com Luiz Carlos Costa, já foram montadas exposições menores nas outras unidades. “A CTJ arca com os custos da produção: montagem, convites, assessoria de imprensa e coquetel de abertura. A instituição não se envolve na venda das obras. Somente solicitamos que o artista doe um trabalho, de sua livre escolha, para o acervo da Thomas Jefferson”, afirma Luiz Carlos.

A assessora de Relações Institucionais, Ana Maria Assumpção, lembra as parcerias na área de artes plásticas. Com o Museu de Arte da Bahia, foram exibidas na Galeria da Thomas gravuras do artista Carybé. A parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), resultou em uma exposição sobre a restauração da igreja da Matriz Santana em Goiás Velho. Com o Atelier Livre de Gravura em Metal da Universidade de Brasília, foram realizadas duas mostras reunindo 11 artistas. Com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), uma exposição fotográfica “Guardiões da Floresta”, retratando tribos em regiões isoladas.

Outras exposições, muitas delas fotográficas, foram realizadas em parceria com as embaixadas da Índia, Croácia, República Tcheca, Alemanha, Áustria, Irlanda e Polônia, e em conjunto com instituições como a Fundação Palmares, *Partners of the Americas, Exhibits USA* e o Núcleo de Estudos Africanos da UnB. Parcerias cordiais que extrapolaram até a concorrência acadêmica. A Casa Thomas Jefferson e o Instituto Britânico Independente (IBI), uma das escolas de inglês mais conhecidas de Brasília durante várias décadas, associaram-se para exibir uma mostra de fotos de astros britânicos do cinema, como Vivien Leigh, Alec Guinness, Sir Laurence Olivier e Richard Burton.

EVENTOS CULTURAIS

▼
Ao longo dos anos, a Casa Thomas Jefferson realizou muitas centenas de eventos culturais para a comunidade



Lançamentos de livros e debates sobre literatura também fazem parte da tradição cultural da CTJ. O histórico desta área na Thomas registra, por exemplo, uma parceria com a Academia Brasileira de Letras para um ciclo de palestras em que o próprio diretor da Casa na época, John Dwyer, notável intelectual, comprou e analisou obras de Edgar Allan Poe, Jorge Luis Borges, Carlos Fuentes e William Faulkner.

Lançamentos de livros, em português e inglês, acontecem com certa frequência na Thomas Jefferson. Os tópicos abordados são variados: educação, relações internacionais, ciência política, sociologia, economia, arte, etc. Muitos dos autores são professores da Universidade de Brasília, especialmente dos Institutos de Letras, Psicologia, Ciência Política e da Faculdade de Educação.

Além dos livros, uma parceria no campo das ideias que marcou época foi o trabalho conjunto com o Centro de Estudos Psicanalíticos de Brasília. Todos os meses, era realizada uma palestra por um profissional da área psicanalítica, interagindo em um painel com dois ou três colegas da área de ciências médicas. A dinâmica coordenadora dos eventos, Dra. Isabel Maria Vieira, selecionava temas variados com objetivos educacionais: bullying, depressão, stress emocional, doenças psicossomáticas, transtorno de conduta, violência juvenil, uso de drogas. A parceria durou cerca de três anos, sempre com grande público e intensa participação dos presentes, muitos deles pedagogos e estudantes de psicologia.

FESTAS E COMEMORAÇÕES

Eventos relacionados às culturas norte-americana e brasileira são mesclados em várias atividades extracurriculares nas unidades da Casa Thomas Jefferson. Algumas datas tipicamente americanas são festejadas pela Thomas, com especial decoração em todas as filiais ou por meio da promoção de festas fora de suas dependências.

A festa mais esperada pelos alunos é o Halloween ou Dia das Bruxas que, em 2012, foi comemorada em um grande baile à fantasia no Clube do Exército. “Cerca de 1.800 alunos ocuparam três ambientes”, ressalta a assistente de coordenação do Sudoeste, Marcilia Taveira. Dias antes da festa, as filiais são sempre decoradas com figuras divertidas associadas ao espírito da festa: morcegos dormindo nas paredes, ratos nos rodapés, seres fantásticos, abóboras e assustadores vampiros.

A origem do Halloween é anterior à era cristã – remonta às tradições dos povos que habitavam a Gália e as ilhas da Grã-Bretanha. Acreditava-se que, na noite de 31 de outubro, bruxas, espíritos e outros seres sobrenaturais se reuniam para uma grande festa. No século XIX, a Igreja Católica estabeleceu o Dia de Todos os Santos (All Hallows ou All Saints Day) em 1º de novembro. A comemoração da véspera passou a se chamar Halloween, uma abreviação de All Hallows Even (*even* é a contração de *evening*, noite). A data passou a ser comemorada nos Estados Unidos com a chegada de centenas de milhares de imigrantes irlandeses e escoceses que, em meados do século XIX, trouxeram a tradição cultural em suas bagagens.



“The First Thanksgiving 1621” • 1915
By Jean Louis Gerome Ferris
(American painter, 1863-1930)

Igualmente popular é a comemoração do Thanksgiving Day. O Dia de Ação de Graças foi celebrado pela primeira vez em 1621 e oficialmente instituído pelo presidente Abraham Lincoln em novembro de 1863. Colonos ingleses - *The Pilgrims* - desembarcaram onde hoje é o estado de Massachusetts. Como o inverno de 1620 foi extremamente rigoroso, os colonos e famílias que sobreviveram - 53 pessoas - organizaram, em Plymouth Colony, uma refeição na companhia de 90 indígenas para agradecer o resultado da colheita e a superação das adversidades no novo mundo.

Da Casa Branca aos lares mais simples dos Estados Unidos, é servida uma refeição em agradecimento pelo ano de bênçãos. O cardápio tradicional inclui pratos como o peru assado, espigas de milho cozidas (*corn on the cob*), batata doce e tortas de abóbora (*pumpkin pies*). Todos os anos, a Casa Thomas Jefferson reúne professores e funcionários em uma refeição comunitária gigantesca de agradecimento pelo bom ano. O encontro dos funcionários da instituição propicia o fortalecimento das amizades assim como o reconhecimento e a gratidão da instituição àqueles que completaram 25 ou 30 anos de trabalho.

Também é tradicional que se estimule a comemoração do Valentine’s Day, o Dia dos Namorados nos Estados Unidos e em outros países. No Brasil, a data é comemorada em 12 de junho. Nos Estados Unidos, em 14 de fevereiro, dia de São Valentim. O santo era bispo na época do Império Romano e, desobedecendo às ordens do imperador Claudio II, continuou a celebrar casamentos, mesmo sabendo que, em tempos de guerra, a preferência era por soldados solteiros. No Valentine’s Day, as filiais da Thomas



Festas de Halloween, Almoço de Thanksgiving e Valentine's Day • 2012

se enchem de romantismo, música, bilhetinhos com declarações e muitos corações de papel. Quando do lançamento da série de livros sobre as aventuras de Harry Potter, popularizadas pelo cinema, gincanas baseadas em perguntas foram organizadas para os alunos do curso Teens em torno dos personagens e do enredo das obras.

A cultura brasileira, no entanto, não é deixada de lado. Festas Juninas ainda são organizadas em algumas filiais, principalmente entre os alunos mais jovens. Datas especiais como o Dia das Mães, das Crianças e dos Pais são comemoradas pelos alunos do curso Junior que confeccionam pequenas lembranças com grande entusiasmo.

INTERCÂMBIO

Uma interface entre as áreas acadêmica e cultural é o estímulo para a que os estudantes façam intercâmbios em outros países, visando ao aprimoramento da língua inglesa e o melhor conhecimento da cultura norte-americana. A Casa Thomas Jefferson faz a mediação entre os alunos e as oportunidades de intercâmbio em feiras que já se tornaram referência na cidade.



Feira de Intercâmbio Cultural | FIC

A Feira de Intercâmbio Cultural (FIC) existe desde 1997, acompanhando o advento das empresas de intercâmbio na cidade. Os alunos assistem a palestras nas quais são apresentadas alternativas de estudo no exterior e informações sobre como viabilizar o investimento acadêmico-cultural (documentação para vistos, passaporte, etc.). “Ali não se faz negociação, não são vendidos pacotes, fornecemos informações”, salienta o produtor sociocultural Luiz Carlos Costa.

Historicamente, a FIC teve diversas parcerias com embaixadas de países como Canadá, Inglaterra e Nova Zelândia. Atualmente, está mais focada nos Estados Unidos. O evento atrai interessados de todo o Distrito Federal e regiões próximas. A feira é divulgada, com antecedência, em cidades como Goiânia, Luziânia, Anápolis e Formosa, todas no estado de Goiás.

Outro evento da mesma natureza é a feira promovida pelo Education USA, um programa apoiado pela Comissão Fulbright e pela Seção de Educação, Cultura e Imprensa da Embaixada dos Estados Unidos para fornecer informações aos estudantes sobre as possibilidades de intercâmbio. A feira de 2012, que contou com a fundamental organização e participação do professor Alexandre Oliveira, foi a primeira realizada em Brasília, no Centro de Convenções Brasil 21, e atraiu cerca de 2.500 pessoas e 60 representantes universidades americanas. A próxima edição está marcada para 31 de agosto de 2013.



Education Advising Office | EAO
Escritório permanente do Programa Education USA na CTJ Asa Norte

Mas não é preciso aguardar as feiras para obter informações sobre as oportunidades de estudar no exterior. A filial da Casa Thomas Jefferson na Asa Norte abriga o Educational Advising Office (EAO), um braço permanente do programa Education USA, uma rede global de mais de 450 escritórios de consultas educacionais filiados ao Departamento de Estado. É a fonte oficial de informações sobre estudos nos Estados Unidos, conhecida em português como Escritório de Consultas Educacionais. É um local de acolhimento e aconselhamento para estudantes que procuram programas de aprendizado da língua inglesa, cursos de graduação, pós-graduação e especialização.

De acordo com Guilherme Viana, funcionário do escritório, o aconselhamento é focado nas universidades norte-americanas. É só chegar ao local para perceber isso na prática, já que várias flâmulas com nomes e logotipos das universidades decoram a parede principal. O serviço faz o atendimento inicial e auxilia a pessoa interessada no processo de contato com as instituições de ensino. Caso deseje, o aluno é encaminhado para serviços de tradução de documentos, oficinas de redação e orientação para os testes internacionais exigidos pelas universidades. O Centro de Testes Prometric (Prometric Testing Center) está localizado na

Formatura dos Alunos da CTJ
A proficiência na Língua Inglesa possibilita
aos formandos novos horizontes



filial Sudoeste da Thomas Jefferson e ministra exames internacionais como TOEFL, GRE, GMAT e outros.

Desde a criação do programa Ciência Sem Fronteiras, o Educational Advising Office da Casa Thomas Jefferson (EAO) tem sido intensamente visitado por universitários interessados em estudar nos Estados Unidos. Lançado em julho de 2011, o programa busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e da tecnologia por meio de uma ação conjunta do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, do Ministério da Educação, CNPq e CAPES e Secretarias de Ensino Superior e Tecnológico do MEC. Mas o público universitário não é o único a ser atendido pelo EAO.

“

Alunos do ensino médio, profissionais, funcionários públicos que querem fazer licença-capacitação, também procuram o escritório.

A internet mudou sensivelmente o perfil das consultas. Antes, era preciso folhear os grossos volumes das universidades, parecidos com catálogos telefônicos para a obtenção de informações. A comunicação com as instituições era feita através de cartas. Hoje, há mecanismos de busca *online* e o contato com as universidades é estabelecido via internet.

Além disso, muitas instituições educacionais norte-americanas enviam seus representantes para um giro no Brasil. Eles visitam escolas de ensino médio, fazem palestras e gravam entrevistas para veículos de comunicação divulgando seus programas. Em apenas um mês, seis destes representantes circularam pelas dependências da Thomas Jefferson e pelos colégios da cidade, em busca de interessados na experiência do intercâmbio.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Como entidade sem fins lucrativos, a Casa Thomas Jefferson já nasceu com um compromisso social que ela coloca em prática ininterruptamente. São vários programas, alguns em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos, que beneficiam alunos, professores da rede pública e a comunidade em geral. São frequentes iniciativas pontuais de ligação com a comunidade, que incluem eventos para arrecadar agasalhos na época de frio e campanhas, entre os alunos, de doação de materiais escolares para instituições necessitadas.

Uma das parcerias de sucesso é o curso Public School Teachers Development Course (PSTDC), com duração de dois semestres, um treinamento específico para professores de inglês da rede pública do Distrito Federal. Ana Maria Assumpção, assessora de Relações Institucionais, explica que, anualmente, a superintendência acadêmica da Thomas Jefferson entra em contato com o Departamento de Aperfeiçoamento de Professores da Secretaria de Educação do DF e lança um edital. Após a realização de inscrições, é iniciado um processo de avaliação dos candidatos, pela Casa Thomas Jefferson, que inclui uma entrevista e uma prova escrita. De acordo com os resultados, é formada uma turma homogênea de aproximadamente 30 alunos.



Public School Teachers Development Course | PSTDC

Professores de inglês da rede pública de Brasília participam de treinamento na CTJ

As aulas são ministradas nas tardes de sexta-feira ou no sábado pela manhã, totalizando uma carga de 4 horas semanais. Os professores têm aulas de metodologia e gramática e as turmas funcionam na filial da CTJ em Águas Claras.



Entrega de certificados para professores da rede pública de Brasília que concluíram dois semestres de treinamento pelo Public School Teachers Development Course | PSTDC

“

A Casa Thomas Jefferson foi a pioneira desse projeto, que já beneficiou cerca de 250 professores de inglês e milhares de seus alunos da rede pública.



▼
Programa de Bolsas Access • 2011

Casa Thomas Jefferson Taguatinga
C | Arquivo Embaixada dos EUA

Ana Maria Assumpção coordena o programa de concessão de bolsas de estudos a alunos economicamente menos favorecidos. Até 15 de dezembro de cada ano, são recebidos os formulários dos interessados em obter abatimento parcial ou total nas mensalidades dos cursos do ano seguinte. Na exposição de motivos, o candidato descreve a importância que o futuro curso terá em sua vida profissional ou acadêmica. Para comprovar que necessita desta ajuda financeira, deverá anexar documentos como contas de luz, telefone, aluguel, a declaração do Imposto de Renda, currículo escolar, a carteira de trabalho, e informações sobre a renda familiar.

As bolsas são disputadas. Ana Maria Assumpção informa que, em 2012, foram encaminhados às diversas secretarias das unidades mais de 300 solicitações para o ano letivo de 2013. A contrapartida exigida do aluno é o bom desempenho nos cursos. A média mínima nas notas para a manutenção do benefício é 80. Além das bolsas para a comunidade em geral, a Casa também oferece aos dependentes legalmente comprovados dos funcionários da instituição a oportunidade de estudarem inglês com bolsa integral.

Um programa especial de bolsas de estudos funciona na filial de Taguatinga. O Access é uma parceria dos centros binacionais com a Embaixada dos EUA e a Secretaria de Educação. Em 2012, 150 alunos de 15 a 17 anos do Recanto das Emas, cidade do Distrito Federal, ganharam a chance de ter aulas de inglês na Thomas Jefferson. Além do curso gratuito, eles recebem um auxílio financeiro para custear as passagens de ônibus e o lanche. Ana Maria lembra que as atividades do Access vão além da sala de aula – em julho de 2012, por exemplo, os estudantes participaram de atividades extracurriculares, com direito à ida a cinema, palestras e outros eventos em que o uso da língua inglesa era obrigatório.

JOVENS EMBAIXADORES



Programa Jovens Embaixadores • 2011
Washington, DC, EUA
C | Arquivo Embaixada EUA

A mais destacada parceria de sucesso entre os centros binacionais brasileiros e a Embaixada dos Estados Unidos, que já serviu de inspiração para outros países da América Latina, é o programa Jovens Embaixadores. Desde 2002, sempre no mês de janeiro, os BNCs participam da seleção de estudantes da rede pública nacional de ensino a fim de proporcionar-lhes uma viagem de estudos aos EUA custeada pelo Departamento de Estado. São escolhidos jovens entre 15 e 18 anos, com boas notas, experiência com trabalho voluntário, bom nível de inglês e modesta renda familiar.

A assessora para assuntos de Educação e Cultura da embaixada, Marcia Mizuno, explica que os alunos ficam três semanas nos Estados Unidos. Na primeira semana, a programação é na capital, Washington, com aulas de história e outros temas. A assessora lembra que, em uma das edições, o então secretário de Estado, general Colin Powell, recebeu o grupo e passou 35 minutos respondendo às perguntas dos estudantes brasileiros. Em ano recente, a senhora Michelle Obama acolheu-os, também, com simpatia e grande interesse.

É na segunda parte do programa que os jovens vinculam a vida acadêmica à responsabilidade social.

“

Eles formam grupos menores e são enviados para várias cidades em diferentes estados, distantes das grandes metrópoles

, acrescenta Marcia. Os estudantes frequentam uma *high school* (escola de Ensino Médio local) e fazem trabalhos voluntários com as famílias que os hospedam. Após o regresso ao Brasil, são estimulados a fazer apresentações em suas comunidades sobre os trabalhos voluntários que fizeram nos EUA.

Marcia Mizuno salienta o impacto que o programa provoca na vida dos estudantes, principalmente os oriundos de pequenas cidades.

Programa Jovens Embaixadores • 2013
Brasília, DF, Brasil
C | Arquivo CTJ



“

Eles voltam e querem
transformar as
comunidades onde vivem

, afirma ela. Alguns destes alunos conseguem, posteriormente, bolsas no exterior, outros criam blogs sobre responsabilidade social e muitos relatam que, a partir desta experiência, passaram a ter uma visão diferente do papel dos professores.

Na véspera da partida do último grupo, em janeiro de 2013, todos se reuniram em uma grande festa na filial da CTJ do Sudoeste, regada a pizza, show de talentos e *trivia* (um jogo de perguntas e respostas). O evento foi compartilhado com participantes de outros programas da embaixada, como estudantes universitários (do programa *Students' Leaders*) e professores de todo o país.

O estudante Rafael Oliveira, 18 anos, morador de Santa Helena de Goiás, participou da edição 2012 do programa Jovens Embaixadores e foi para Charlotte, na Carolina do Norte. “É uma experiência diferente, com frio, neve e monumentos que a gente só tinha visto em filmes”, diz ele, que destaca a receptividade da família. “Eles nos receberam como se fôssemos filhos, e colaborei com meu trabalho voluntário em um banco de alimentos e distribuição de roupas para a população carente”.

A brasiliense Yasmin Araújo, de 16 anos, não conseguia esconder a ansiedade na véspera da partida em sua primeira viagem internacional. Após um período em Washington, ela seguiria para a pequena Bozeman, no estado de Montana, depois de fazer a inscrição *online* e submeter-se a provas escrita e oral. “Quero aprender tudo o que puder, trocar informações”, disse ela, que passou a ler mais sobre a sociedade americana desde que foi selecionada para o grupo.

COMUNIDADE

Alunos da Rede Pública de Ensino de São Sebastião/DF participam do Projeto Escolas Irmãs do GDF



Os projetos de responsabilidade social beneficiam os mais diversos segmentos da sociedade. A Casa Thomas Jefferson participou do projeto Escolas Irmãs, criado pelo Governo Federal adotando uma escola de ensino fundamental na cidade de São Sebastião, no Distrito Federal. Além da realização de atividades extracurriculares planejadas pela Casa Thomas Jefferson, a escola foi contemplada com recursos que possibilitaram a melhora do espaço físico, como o parquinho para alunos menores, a horta e a instalação de uma cerca.

Outra escola beneficiada com a parceria foi o CELAN (Centro Educacional do Lago Norte), próximo ao Varjão. Em um projeto coordenado pela professora e psicóloga Conceição Machado, foram ministradas aulas de inglês para uma turma de alunos com habilidades especiais. Infelizmente, devido a dificuldades de deslocamento dos alunos e de comparecimento às aulas, o curso especial foi encerrado. No entanto, os três melhores e mais assíduos estudantes foram premiados com bolsas de estudos integrais na Thomas Jefferson.

A CTJ também participa da Rede Solidária Anjos do Amanhã, programa de voluntariado criado em 2006 pela Vara da Infância e da Juventude (TJDFT), que presta atendimento a jovens vítimas de violência. Segundo Robson Moura, assessor executivo da coordenação acadêmica, a Casa foi procurada pelos organizadores há cinco anos. Desde então, já proporcionou matrículas nos cursos da CTJ para vários adolescentes acolhidos em abrigos e doou material como, por exemplo, 75 computadores que não mais atendiam às necessidades das unidades da Thomas; as máquinas passaram por uma revisão, feita por empresa especializada, e ficaram prontas para serem reutilizadas.

Pensando nos próximos grandes eventos esportivos internacionais que virão ao Brasil, como a Copa das Confederações (em 2013), a Copa do Mundo (em 2014) e as Olimpíadas (em 2016), a Casa Thomas Jefferson criou o curso “Hello Brazil”, voltado para profissionais que deverão lidar diretamente com turistas: motoristas de táxi, garçons, camareiras, vendedores de lojas e funcionários do Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, em Brasília.

O objetivo do curso, explica Ana Maria Assumpção, é facilitar o aprendizado básico da língua inglesa – preparar esses profissionais para situações simples como cumprimentar o turista, explicar o conteúdo de um cardápio em um restaurante ou dar informações sobre a cidade. As aulas estão sendo dadas em todas as unidades da CTJ.

PRÊMIOS E CERTIFICAÇÕES

Top of Mind • 1995

Ranking Jornal de Brasília

Escola de Inglês mais lembrada • 1997 e 2000

Projeto Rede Solidária • Anjos do Amanhã

Vara da Infância e Juventude do DF

Medalha Memorial JK

Academia Brasileira de Arte, Cultura e História

Medalha Ordem do Mérito Cultural

Certificate of Recognition • Embaixada dos EUA

Certificate of Membership

BRAZTESOL

Outstanding Brazilian American Binational Center

Embaixada dos Estados Unidos

Grão-Mestre da Ordem do Mérito Cultural do DF • 2004

Governo do Distrito Federal

Outstanding Performance and Administration in Promotion of the Certificate Testing Program • 2008

The University of Michigan

Outstanding Certificate of Recognition

Concedido pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil em 2010, pelo alto padrão de qualidade no ensino da língua inglesa e excelência da programação cultural

Em 1980

“

A pessoa para poder falar inglês tem que saber gramática e vocabulário. E tudo que aprendemos tem que ser sedimentado aos poucos. Tudo vai crescendo em movimentos circulares, como quando jogamos uma pedra na água e ela vai desenhando círculos, cada vez mais amplos.”

– **Norma Sant’Anna**

Primeira professora da Casa Thomas Jefferson

In 2013

“What contributes most effectively to the learning of English in this day and age, in this decade? What might leap to mind are images of techno-inventions, all the machinery and gadgets that people carry around and attach themselves to in an assiduous attempt to keep connected, up-to-date and supplied with the kinds of supplements that can expand every dimension of learning. Discoveries, info-storage, interactive communication all are abundant by way of these conveniences. But what most convincingly affects language learning today is the willingness in the student, the teacher connecting to who each student is and why they are in the classroom; students who are recognized and individualized and who are drawn to their teachers as plants are to sunlight will experience a sense of both sharing and accomplishment and, fortified by the linguistic technicalities they directly and indirectly absorb, will learn and enjoy English as a foreign language.”

— **Katy Cox**

Casa Thomas Jefferson teacher since 1971

MEMÓRIAS
DA THOMAS





CASA THOMAS JEFFERSON
Um polo de desenvolvimento sócio-cultural

Algo de novo. Casa Thomas Jefferson tem um novo endereço. O novo endereço é o novo endereço de todos os brasileiros que desejam viver em um ambiente de qualidade e de respeito por suas tradições e valores. Casa Thomas Jefferson é um polo de desenvolvimento sócio-cultural que oferece a todos os brasileiros um ambiente de qualidade e de respeito por suas tradições e valores. Casa Thomas Jefferson é um polo de desenvolvimento sócio-cultural que oferece a todos os brasileiros um ambiente de qualidade e de respeito por suas tradições e valores.

A MESMA QUALIDADE EM TRÊS ENDEREÇOS

Um endereço de qualidade e de respeito por suas tradições e valores. Casa Thomas Jefferson é um polo de desenvolvimento sócio-cultural que oferece a todos os brasileiros um ambiente de qualidade e de respeito por suas tradições e valores.

CASA THOMAS JEFFERSON **Sextas Musicais 2011**

Quarteto de Brasília - 25 anos

Ludmila Vinea e Claudio Cohen, violinos
Gléise Collet, viola; Guerra Vicente, violoncelo

Sexta-feira, 29 de abril, 20 horas
Casa Thomas Jefferson - FILIAL ASA NORTE - SGAN 605
www.thomas.org.br



LEOPOLD LA FOSSE
VIOLINISTA



Audtório da CASA THOMAS JEFFERSON
Sexta-feira, 14 de agosto, às 21 horas
SEP-Sul, Entrequadras 706/906
1987

Consórcio Cultural Thomas Jefferson
Serviço de Desenvolvimento e Relações Culturais



